



A imprensa e a Revolução de 1923: dois estudos de caso

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

108



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



A imprensa e a Revolução de 1923: dois estudos de caso





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

A imprensa e a Revolução de 1923: dois estudos de caso



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: A imprensa e a Revolução de 1923: dois estudos de caso
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 108
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2025

ISBN – 978-65-5306-030-2

CAPA: ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 25 dez. 1923.

Sobre o autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

A Revolução de 1923 a partir do fotojornalismo: o enfoque da revista *Fon-Fon* / 11

***A Ilustração Pelotense* e sua breve incursão ao tema da Revolução de 1923 / 99**

A Revolução de 1923 a partir do fotojornalismo: o enfoque da revista *Fon-Fon*

A *Fon-Fon*, editada no Rio de Janeiro entre 1907 e o final dos anos 1950, constituiu uma das mais marcantes revistas brasileiras do século XX. Tal publicação definia-se em seu frontispício original como um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, além de apresentar-se como um periódico “ágil e leve”, que pretendia “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhérica fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes” e ainda “com o comentário leve às coisas da atualidade”. O título da revista era referência a uma sirene, que seria apertada diante do debate dos diferenciados temas. Nesse sentido, “para os graves problemas da vida, para a mascarada política, para a sisudez conselheiral das finanças e da intrincada complicação dos princípios sociais, colocava-se à disposição para dar “a resposta própria”, ou seja, apertando “a sirene e... *Fon-Fon!*”. Levando em conta tal enfoque, desde o primeiro número, o automóvel passou a fazer parte da identidade visual do periódico, tanto no frontispício, quando na primeira capa, na qual apareciam apenas os faróis do veículo, pronto para atropelar os homens públicos da época¹.

¹ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Outra identidade imagética da revista esteve ligada ao motorista mascarado, verdadeira personalização dos editores/redatores/repórteres do magazine, tanto que o texto de apresentação era

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

assinado pelo próprio chofer, com a utilização da expressão em francês – *chauffeur* – como era comum à época. Nesse sentido, era informado que “os choferes são os melhores que possuímos, experimentados e queridos”, conhecendo “a ‘máquina’ e as ‘avenidas’ que vão percorrer”, em relação ao conhecimento de causa das lides jornalísticas. Também seria de excelente qualidade a “gasolina” e a “garagem”, só restando que os leitores oferecessem o “lubrificante”. Tal condutor aparecia ainda em vestes voltadas a “ocasiões solenes”, declamando um soneto intitulado “O meu batismo”, no qual mais uma vez ficavam demarcados os intentos da revista²:

Quis alegre surgir pela manhã
Do dia de hoje a procurar alguém
Que quisesse a alegria, honesta e sã
Que estas páginas trêfegas contêm.

Fugindo ao nosso eterno rame-rame,
Busquei um nome que casasse bem
Aos gostos de uma folha folgaza,
E a mim próprio aqui dou meu parabém!

Lembram-me diversos, mas nenhum
Deles, não sei porque, pude achar bom
E quase estive a batizar-me – Pum! –

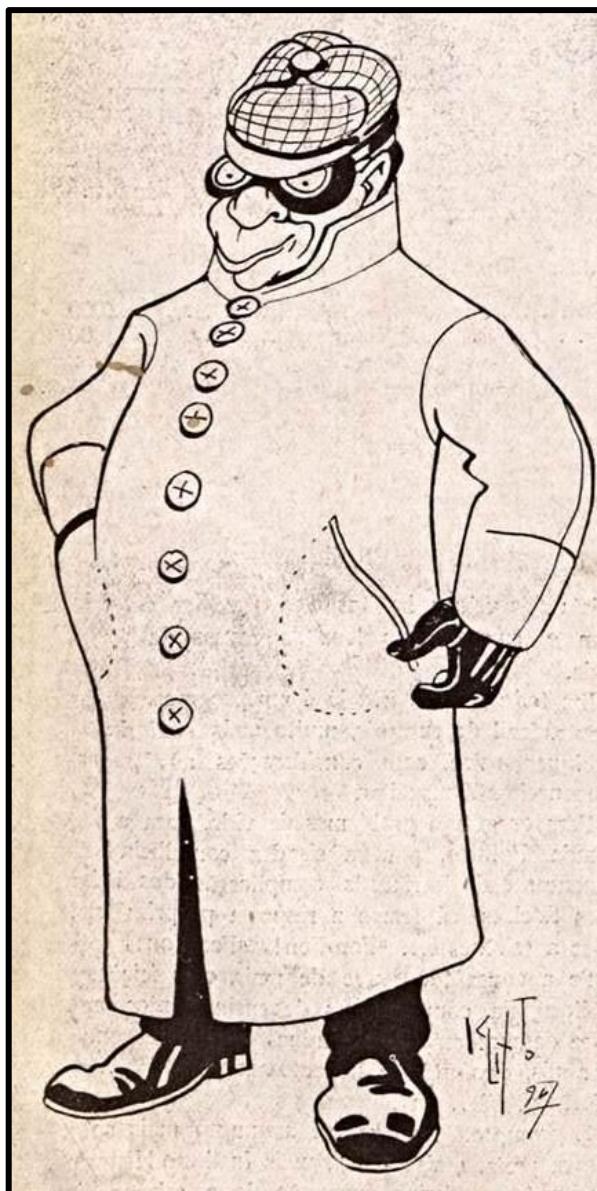
Mas passa um automóvel. Pego o som:
Fan-Fan! Fen-Fen! Fin-Fin! Fon-Fon! Fun-Fun!
De Fan-Fen-Fin-Fon-Fun, quis ser Fon-Fon!

² FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

As intenções do chofer (e da revista) eram mais uma vez expressas por meio da arte caricatural, com o motorista dirigindo o automóvel em direção aos pedestres, que, apavorados, tentavam sair do caminho para evitar o atropelamento, havendo um deles que não teve a mesma sorte. O condutor acionava efusivamente a buzina, dando origem à onomatopeia que designava o título do periódico. Os versos, na forma novamente de soneto, serviam para reforçar tais intentos³:

Salve-se quem puder! Arreda! Arreda!
Vim de automóvel para chegar cedo!
E hei de tudo levar de queda em queda
Pois de tudo saber trago o segredo!

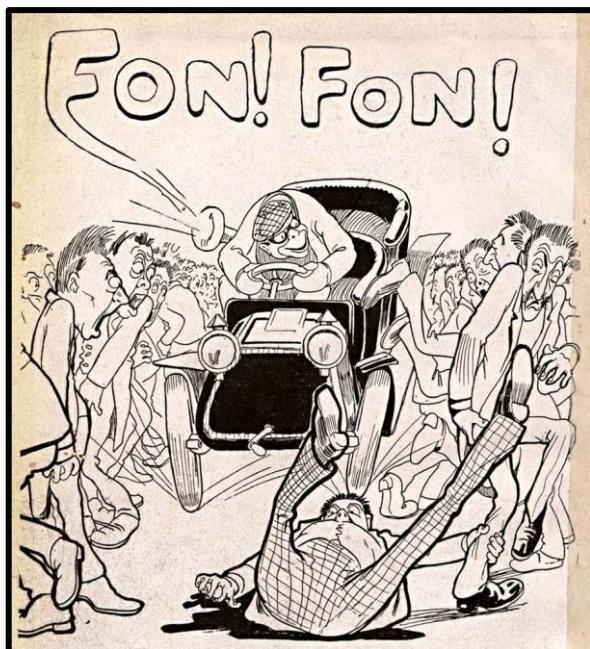
Ao espírito é à graça batô moeda
E levo a vida toda de brinquedo.
De tudo relevlar ninguém me veda
E de tudo dizer não tenho medo!

Na cidade não há quem me anteceda!
Por essas avenidas enveredo
De dia ou pela noite muda e queda.

Não minto nem aos outros arremedo
Trago aos dedos um látego de seda
E eis feito o meu programa, eis o meu credo!

³ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

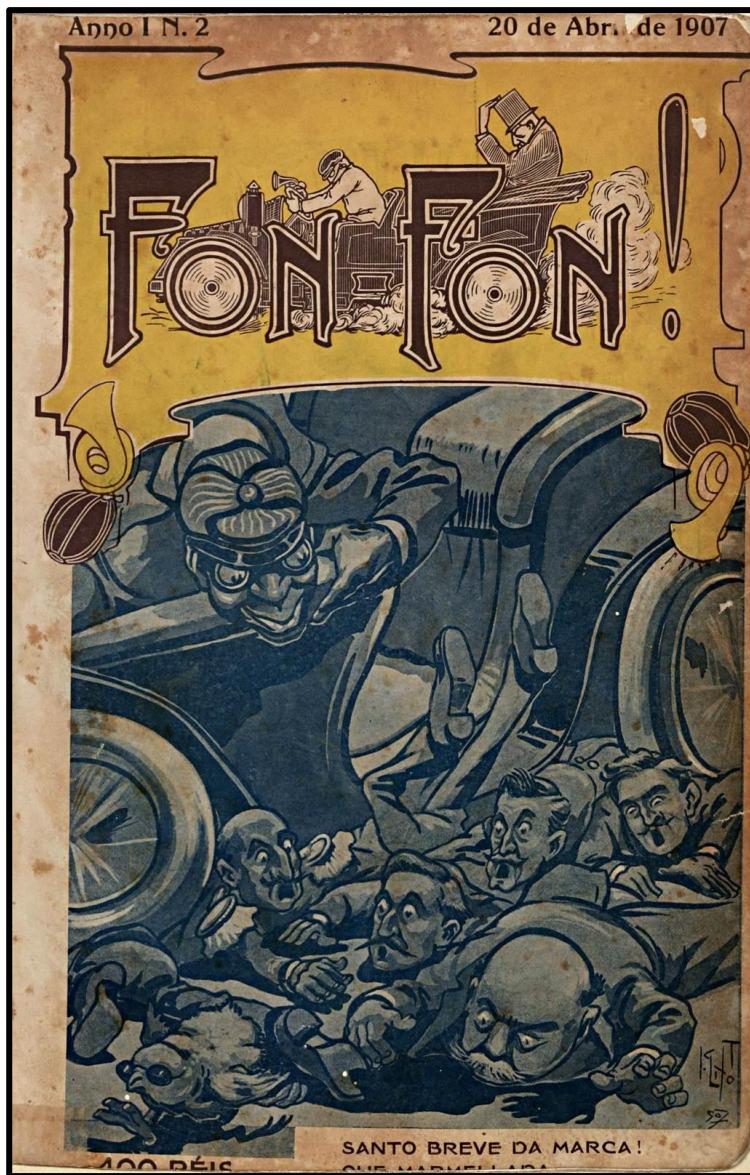
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



Na segunda edição, o chofer completava a ação iniciada na primeira, derrubando, com seu carro, vários dos representantes do governo de então. Na seção editorial, havia o agradecimento da redação da novel publicação, tendo em vista que “*Fon-Fon* foi elevado às nuvens pelos seus colegas da imprensa”, enquanto “a sua recepção pelo público há de ficar lindamente consagrada nos anais dos maiores sucessos”. O periódico dizia-se “comovido”, sentindo-se “abalado no íntimo da sua grande modéstia”, agradecendo “ao público, aquele para quem foi feito e para quem vive” e “à imprensa, a carinhosa amiga dos pequeninos”⁴.

⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, 20 abr. 1907.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

Ao completar seu primeiro aniversário, *Fon-Fon* apresentava “a expressão mais distinta dos seus agradecimentos”, pelas “inequívocas provas de simpatia que foram dadas tanto pela bondosa imprensa desta capital, como pelos amigos e particulares”, rendendo a todos “as homenagens mais respeitosas e sinceras da nossa grande gratidão”⁵. Já no aniversário seguinte, o chofer voltava a protagonizar a capa, com a utilização da tradicional expressão que ele estaria a colher “hoje mais uma flor”, de modo que o personagem, com o sol resplandecendo ao fundo, pairava no ar, colhendo uma flor de um vaso, perante um numeroso público feminino, revelando um segmento específico relevante de seus leitores. Nessa linha, a redação destacava que a folha estaria a percorrer “mais um quilômetro na Estrada Real da sua popularidade”, vindo a comemorar “esta data de regozijo feliz e justo para todos os que se congregaram na fraternidade desta garagem”. Afirmava ainda que não poderia “deixar de vir render o preito sincero de seus agradecimentos ao grande público bondoso em geral, e em particular ao comércio adiantado desta capital”, tendo em vista o “acolhimento e proteção sempre crescente que lhe tem dispensado, auxiliando-o assim, a cumprir folgada e alegremente o seu modesto programa de jornal jovial e educado”. Apresentava, “por conveniência de serviço, ao público o seu número de aniversário, para cujo brilho e sucesso concorreram os nomes mais aplaudidos e mais queridos do nosso meio literário”. Nessa ocasião, era reforçado que a revista seria “uma necessidade para a desopilação dos fígados inflamados”⁶.

⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, 11 abr. 1908.

⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 10 abr. 1909.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

Em mais uma edição específica de aniversário, o chofer encontrava-se colocando o combustível da “coragem” no automóvel, enquanto outro indivíduo embarcava no veículo, com um caixão carregado com alguns políticos da época, ao passo que, ao fundo, o povo vinha pela estrada, saudando a data festiva do magazine. A capa era ainda acompanhada de um versinho: “Este marco que aqui finco/ Marca o quilômetro quarto/ Da minha alegre existência...// Sem a menor resistência,/ Mais alegre agora parto/ Para o quilômetro cinco”. No editorial eram saudados os “quatro anos”, com a declaração de que, “na estrada larga da publicidade, *Fon-Fon* entra hoje no quinto quilômetro”, em um quadro pelo qual “os quatro quilômetros já percorridos com a velocidade permitida pelo tempo e pelo horário do público” estariam a demonstrar “bem a resistência e a qualidade da máquina em que viaja”. Mantendo a linguagem embasada em fundamentos automobilísticos, declarava que, “até agora, no programa que adotou”, a revista “não teve necessidade nem de um simples desvio de guidão”. Dessa maneira, enfatizava que “a sua carroceria é a mesma com que se apresentou ao público no início da sua viagem e são os mesmos os choferes peritos e experimentados que o vem guiando”. Demarcava também que “todo este sucesso” seria advindo da “qualidade excelente da gasolina, que é a proteção do público, o auxílio do comércio e a amizade dos colegas da imprensa”⁷.

⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 16 abr. 1910.

Anno IV - N. 16

16 de Abril de 1910

200

400 réis



Este marco que aqui finco
Marca o kilometro quarto
Da minha alegre existencia....

Sem a menor resistencia,
Mais alegre agora parto
Para o kilometro cinco.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

O cenário de uma apresentação teatral servia para designar mais uma edição de aniversário. No quadro, o chofer tirava o chapéu e agradecia ao público, estando diante da orquestra que cuidava da trilha sonora e tinha às costas diversos artistas, que simbolizavam as várias estratégias editoriais que compunham a revista, como a gravura, a literatura, os anúncios, a composição, a ilustração, a fotografia, a impressão, a encadernação e a caricatura. Na ocasião, *Fon-Fon* ressaltava que “faltaria ao mais sagrado de todos os seus deveres, ao iniciar o curso do quilômetro sexto das suas viagens anuais pela estrada da publicidade”, caso “não se curvasse em reverente agradecimento a todos aqueles que o tem auxiliado a manter a sua máquina na elegância e na força em que, felizmente, a vai mantendo”. Nesse quadro, voltava-se “ao leitor amigo, à leitora amável, ao nobre comércio desta praça, a todos enfim, que neste longo espaço de tempo” vinham “distinguindo com a sua amizade e carinho”, para saudá-los “efusiva e amistosamente”⁸. Junto de um passageiro, o motorista guiava o seu automóvel adornado com flores, em direção a mais um aniversário. Ficava demarcado o percurso de “mais um quilômetro na ‘estrada da vida’ ou na ‘senda do progresso’”, fazendo-o “suavemente e sem atropelos, sem embaraços, em caminho livre, largo e franco, graças à solidez da sua máquina, à superioridade da sua gasolina”, bem como “ao honroso auxílio dos seus melhores fregueses”, ou seja, “o leitor e o adiantado comércio desta cidade”⁹.

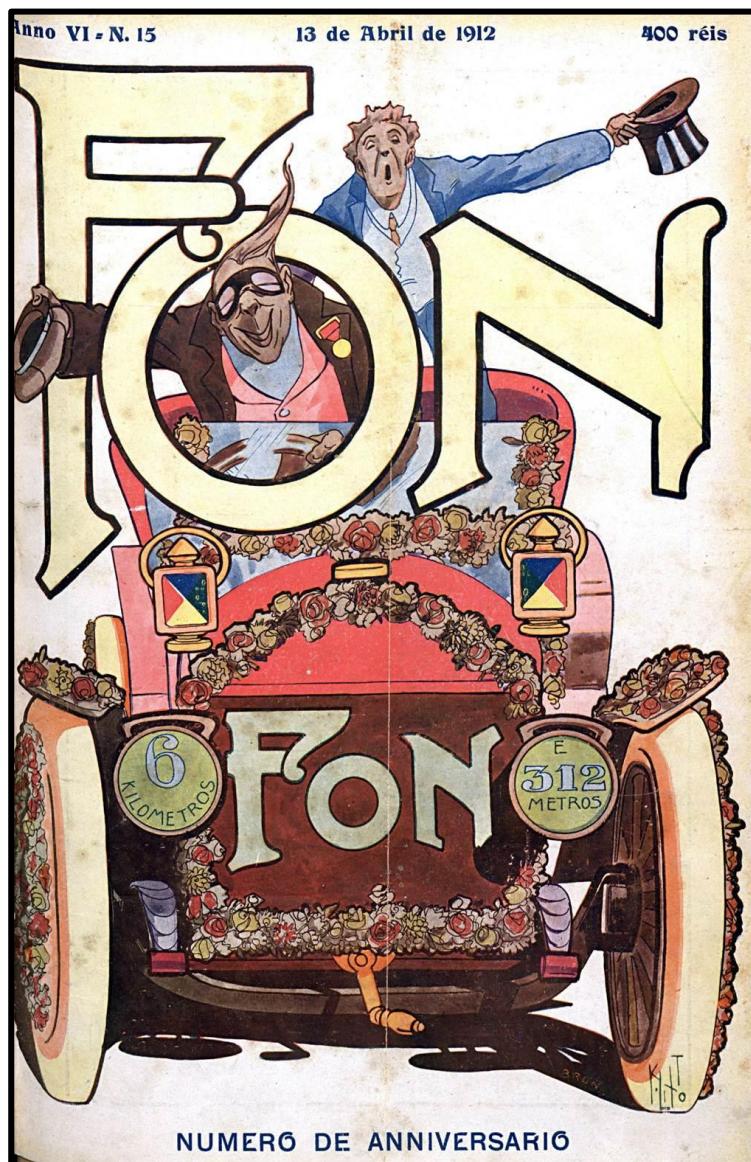
⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, 15 abr. 1911.

⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1912.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



Ainda por ocasião do sexto aniversário, o periódico ressaltava novamente a perspectiva de não terem ocorrido alterações programáticas em sua jornada. Segundo a publicação, “nas suas longas viagens semanais, iniciadas há seis anos, *Fon-Fon*, felizmente, nunca teve necessidade de desviar-se do rumo traçado, de independência, de bom humor e de boa educação”. Agradecia o apoio do público e dos anunciantes, o qual teria servido para que a publicação continuasse “a aumentar a sua grande ‘velocidade’ e seguir o mesmo rumo que traçou desde o início de suas viagens”. Na mesma oportunidade, a redação mais uma vez se dirigia aos leitores, dizendo que estava fazendo “seis anos que vivemos aqui agrupados, num conjunto de camaradagem, para servir à tua curiosidade e ao teu bom humor”, uma vez que, todo o sábado, o magazine seria esperado ansiosamente, trazendo “a alegria de um comentário humorado ou a transfiguração hilariante de uma caricatura feliz”. Nessa linha, as páginas da publicação serviriam para trazer “a glosa trocista de um fato ou o desengonço de um traço caricatural”, que serviam para aliviar as “preocupações diárias” e a “pesada carga da vida”. Pretendia assim, expor “à curiosidade ansiosa a vida e o mundo por aspectos menos carregados e carrancudos”, estando, portanto, a prestar o “serviço de alegrar”, mostrando “a vida melhor do que na realidade”¹⁰.

No sétimo ano, o carro levava à frente o número concernente, enquanto o motorista e o passageiro tiravam o chapéu para cumprimentar o público que os

¹⁰ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1912.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

saudava efusivamente. Essa suposta popularidade adviria do fato de terem passado “sete anos de camaradagem diária, constante, sincera”¹¹. A partir de então, o periódico abandonou o hábito de exaltar anualmente o seu aniversário, assim como deixou de lado os princípios automotivos expressos em suas capas de tais números especiais alusivos da efeméride. Tal tendência vinha ao encontro do projeto de, sem abandonar, amenizar o tom bem-humorado da folha. Em mais uma crônica alusiva à data da sua criação, o periódico lembrava e época em que fora criado e observava as várias diferenças que passaram a marcar a sociedade brasileira, e, embora chegassem à conclusão de que não era tão velho, revelava saudades daqueles “lindos tempos”¹². Ao completar doze anos de existência, o magazine restringiu-se a estampar gravura referente a essa data¹³.

¹¹ FON-FON. Rio de Janeiro, 12 abr. 1913.

¹² FON-FON. Rio de Janeiro, 10 abr. 1915.

¹³ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1918.



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



Na transição dos anos 1910 para os 1920, *Fon-Fon* publicou uma breve nota acerca de seu aniversário, na qual ficava evidenciada sua nova postura, na qual o conteúdo satírico-humorístico ia progressivamente cedendo lugar ao noticioso, com a prática da fotorreportagem¹⁴:

Mais um ano! O nosso número de hoje comemora mais um aniversário de *Fon-Fon*. Um ano mais de lutas, de esforços constantes para bem servir aos leitores, informando-os de tudo, através da fotografia e do comentário breve e desapaixonado. Nada mais justo, portanto, do que testemunharmos aqui, nestas poucas palavras, o nosso reconhecimento ao público que nos lê, à indústria e ao comércio que nos honram com a sua preferência, no intercâmbio de interesses mútuos, a todos quantos nos animam e enobrecem com a sua simpatia.

Fon-Fon agradece, pois...

A nova postura editorial da *Fon-Fon*, privilegiando o informativo em relação ao jocoso, o contexto repressivo, com a vigência de uma legislação restritiva à liberdade de expressão, justificada governamentalmente pelo ambiente agitado que ocorria no país e a própria tendência de adotar maior cautela ao tratar de um tema tão delicado como uma guerra civil foram aspectos fundamentais para moldar a abordagem que a revista carioca dedicou ao tratar da Revolução Sul-Rio-Grandense de 1923. Nessa linha, os acontecimentos

¹⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, 12 abr. 1919.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

políticos e bélicos no Rio Grande do Sul foram enfocados pelo magazine pelo prisma do fotojornalismo, com o privilégio do registro fotográfico, deixando o textual como complementar¹⁵. A utilização da técnica da fotorreportagem vinha ao encontro da perspectiva de que a fotografia poderia trazer consigo uma suposta verdade, ou seja, uma propalada versão da realidade¹⁶,

¹⁵ A respeito do fotojornalismo, ver: BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 164.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 105.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 101.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 2-3.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 112.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008. p. 142, 144, 145 e 148.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 376.; e SCALZO, Marília. *Jornalismo em revista*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-14.

¹⁶ Acerca da fotografia como suposta expressão de verdade, observar: COSTA, Joan. *La fotografía entre sumisión y subversión*. México: Editorial Trillas, 1991. p. 59-60.; FREUND, Gisèle. *La*

associando-se tal sentido a termos muitos bem-quistas, mas pouco prováveis pela imprensa, como isenção, neutralidade e imparcialidade.

O fator motor que levou à Revolução de 1923 – mais uma reeleição de Borges de Medeiros – veio às páginas da *Fon-Fon*, ao mostrar os atos da posse do Presidente gaúcho, como a sua manifestação na Assembleia dos Representantes. A revista mostrava também a mobilização pública no entorno dos deslocamentos realizados pelo chefe republicano. Nessa linha, mostrou “o contingente de cavalaria da força pública”, que realizou a “guarda de honra ao automóvel do Presidente reeleito”; a chegada “ao edifício da Assembleia dos Representantes do Povo”, sendo “recebido com as honras protocolares”; e ainda “o povo aglomerado em frente ao Palácio Presidencial, no dia da cerimônia da posse”¹⁷.

fotografia como documento social. 8.ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999. p. 8.; e LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1993. p. 36.

¹⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 24 fev. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

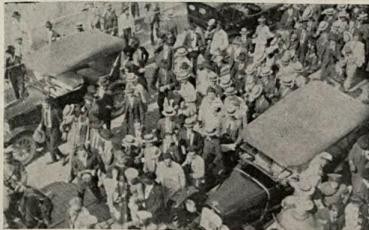
DO RIO GRANDE DO SUL — A posse do presidente Borges de Medeiros



O dr. Borges de Medeiros, presidente reeleito do Rio Grande do Sul, lendo o seu manifesto ao povo gaúcho, por ocasião de sua posse, na Assembleia dos Representantes do Estado.



O contingente de cavalaria da força pública que fez a guarda de honra ao monumento do presidente reeleito, quando este se dirigia para a Assembleia estadual.



O dr. Borges de Medeiros chegando ao edifício da Assembleia dos Representantes do Povo, onde foi recebido com as honras protocolares.

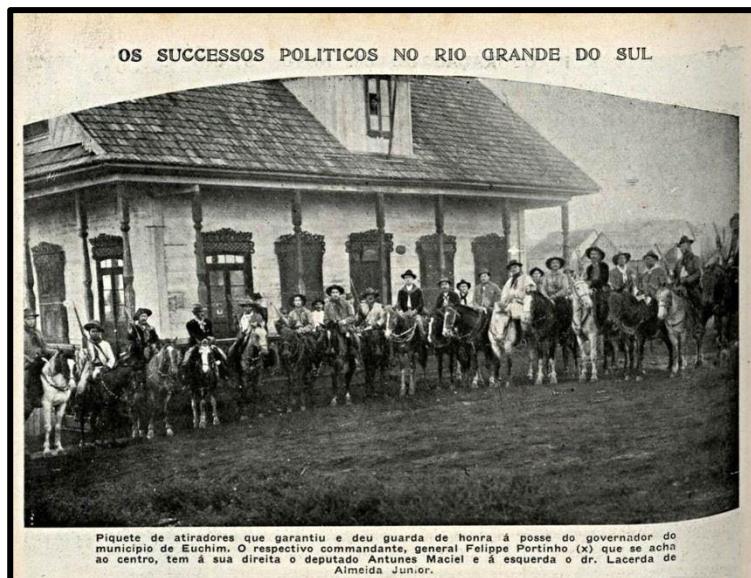
O povo aglomerado em frente ao palácio presidencial, dia 15 de setembro, na cerimônia da posse do presidente Borges de Medeiros.

A revolta propriamente dita foi retratada na exposição de duas fotografias, sob o título “Os sucessos políticos no Rio Grande do Sul”. Na primeira aparecia um “pique de atiradores que garantiu e deu guarda de honra à posse” de um governante municipal, com a presença de militares e políticos. Em relação ao outro lado do conflito, a revista trouxe “chefes revolucionários que tomaram parte na luta de conquista de Nonoai”¹⁸. Já em maio, apareceu mais uma matéria “Os sucessos políticos do Rio Grande do Sul”, embasada no fotojornalismo e distribuída em duas páginas. Foram apresentados os retratos de três chefes revolucionários, vestidos em trajes civis; a chegada de um comandante governista à localidade de Palmeira; uma carroça com munições para os rebeldes; trincheiras de arame farado em Conceição do Arroio; a fotografia de mais dois líderes libertadores e de um general borgista; um acampamento de tropas governistas; um general governista, em Palmeira; e dois militares pertencentes às “tropas sediciosas do general Portinho”¹⁹.

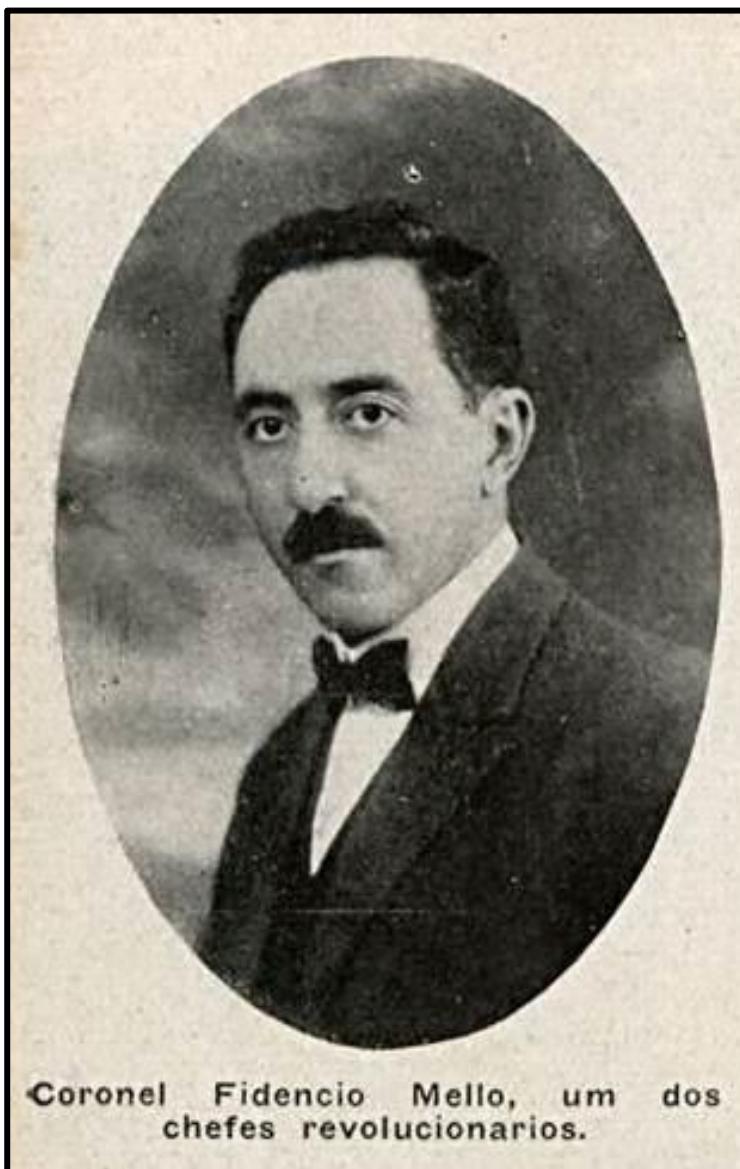
¹⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, 21 abr. 1923.

¹⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, 23 maio 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

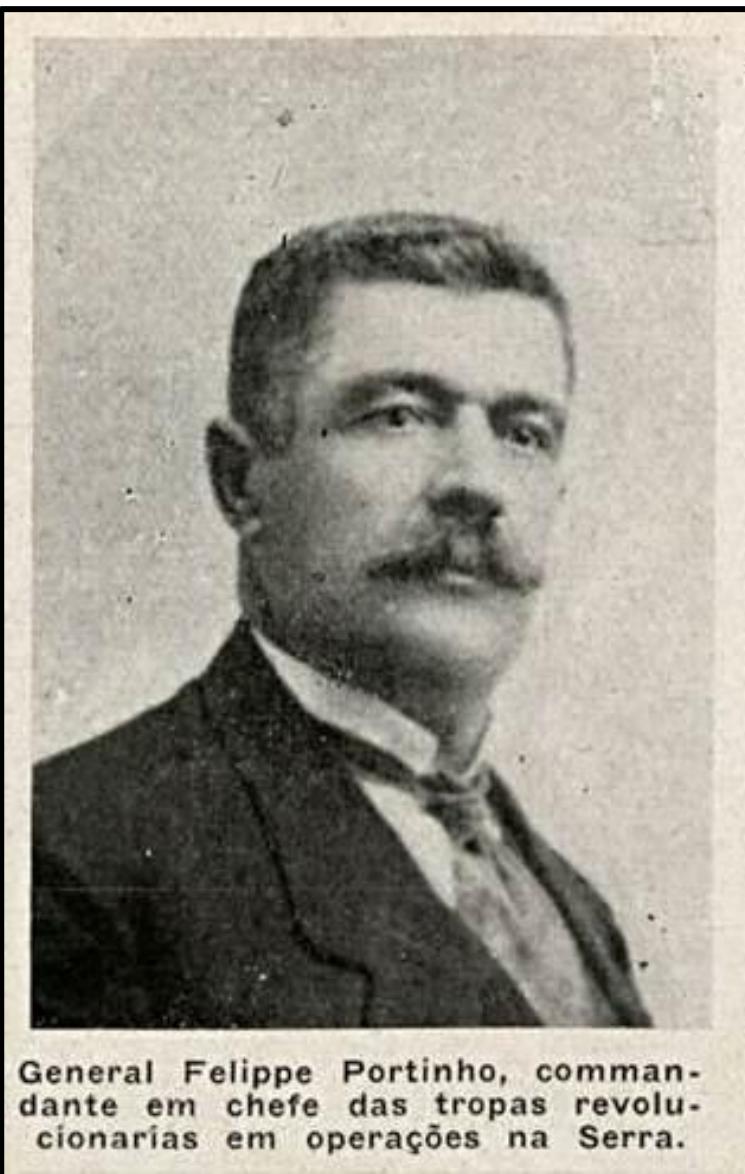


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Coronel Fidencio Mello, um dos chefes revolucionários.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



General Felippe Portinho, comandante em chefe das tropas revolucionárias em operações na Serra.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



General Serafim Moura, outro chef
revolucionario.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



Chegada, a Palmeira, do commandante em chefe das tropas governistas, general Firmino de Paula.

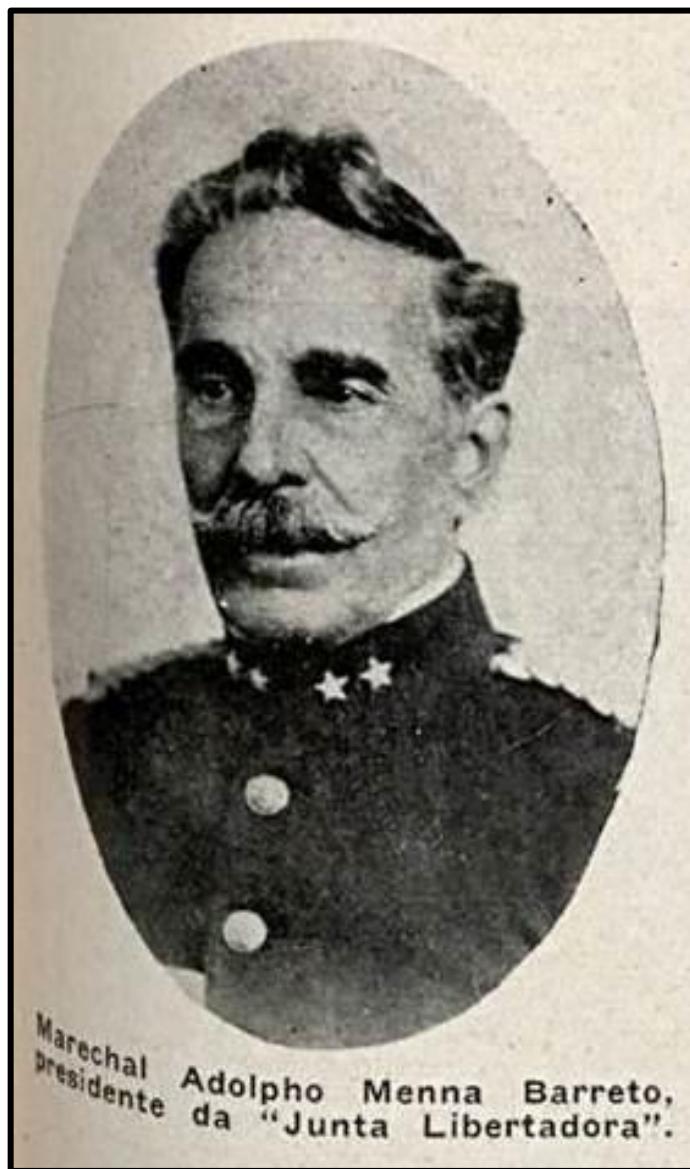


Uma carroça com carregamento de munição para os revolucionários.

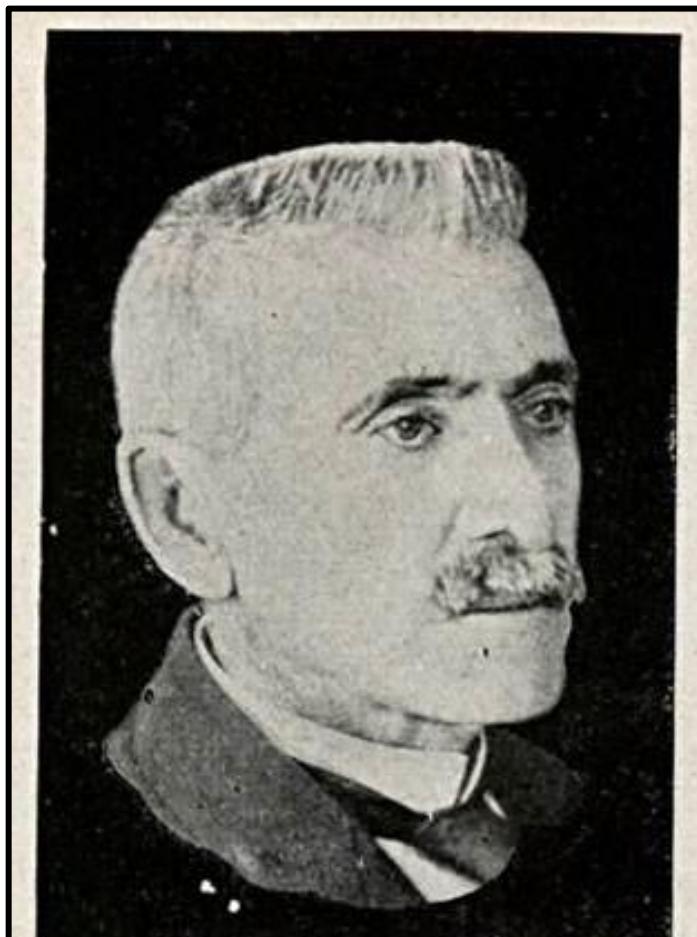


Trincheiras de cerca de arame farpado em Conceição do Arroio, na zona conflagrada do interior gaúcho.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



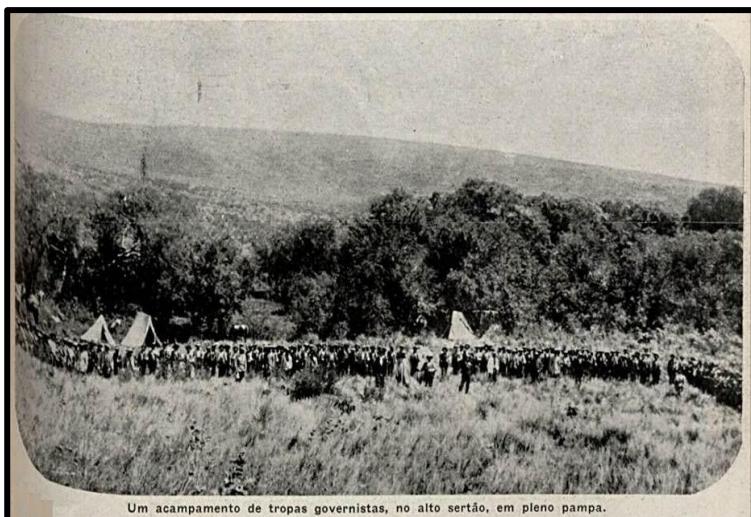
O "generalissimo" José Antônio Netto (Zéca Netto), commandante em chefe das tropas revolucionárias.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



O general de divisão Menna Barreto,
quando general de brigada.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

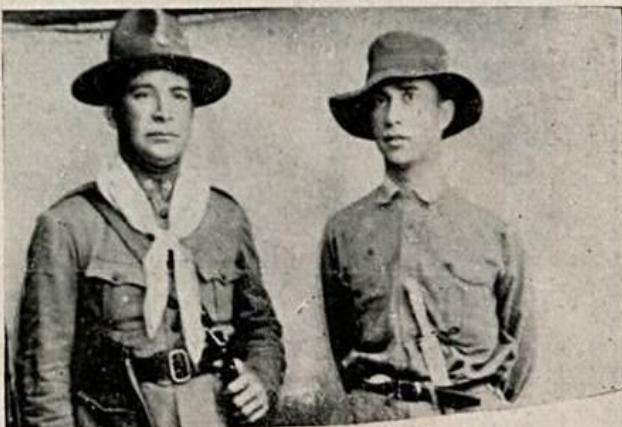


Um acampamento de tropas governistas, no alto sertão, em pleno pampa.



O General Firmino de Paula, em Palmeira.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



Tenente Luiz Fabricio Vieira e capitão Hugo Barreto, director do jornal "Ultima Hora". Ambos fazem parte das tropas sediciosas do general Portinho.

A matéria “Os sucessos políticos no Rio Grande do Sul” voltou a figurar dando ênfase a “um templo católico de Conceição do Arroio”, que fora “convertido em fortaleza pelas tropas do governo”, aparecendo “sacos de areia em todas as janelas, inclusive na do sino”; e a “trincheiras eletrizadas de arame farpado em Palmeira, construídas pelas forças governistas e a estas pertencentes”²⁰. Tal inserção sobre esses “sucessos” retornou com vários militares posando, com a presença do general Eurico de Andrade Neves e seus oficiais auxiliares; o desembarque de tropas em Bagé; o coronel uruguaio Nepomuceno Saraiva, que lutava com os governistas, junto de seu “estado-maior”; e revolucionários perfilados em Dom Pedrito²¹.

²⁰ FON-FON. Rio de Janeiro, 2 jun. 1923.

²¹ FON-FON. Rio de Janeiro, 9 jun. 1923.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

OS SUCCESSOS POLITICOS NO RIO GRANDE DO SUL



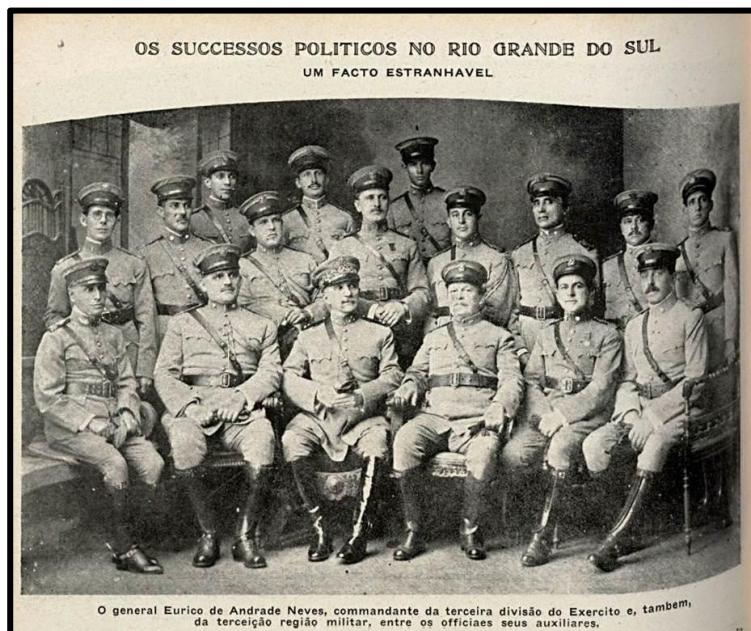
Um templo católico de Conceição do Arroio convertido em fortaleza pelas tropas do governo.
Vêem-se saccos de areia em todas as janelas, inclusive na do sino.

OS SUCCESSOS POLITICOS NO RIO GRANDE DO SUL

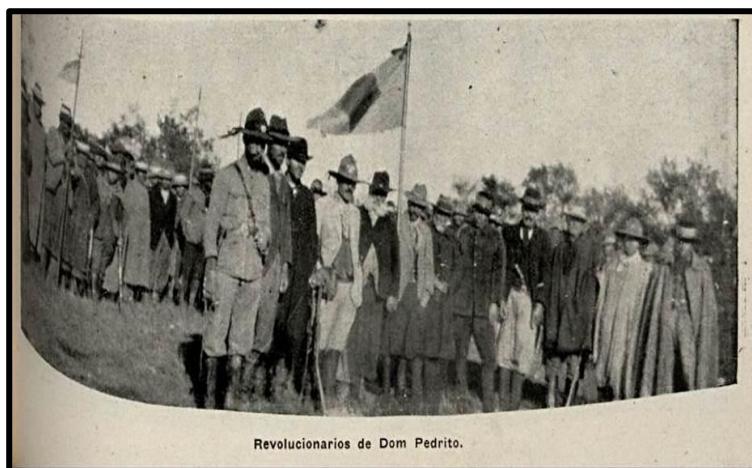
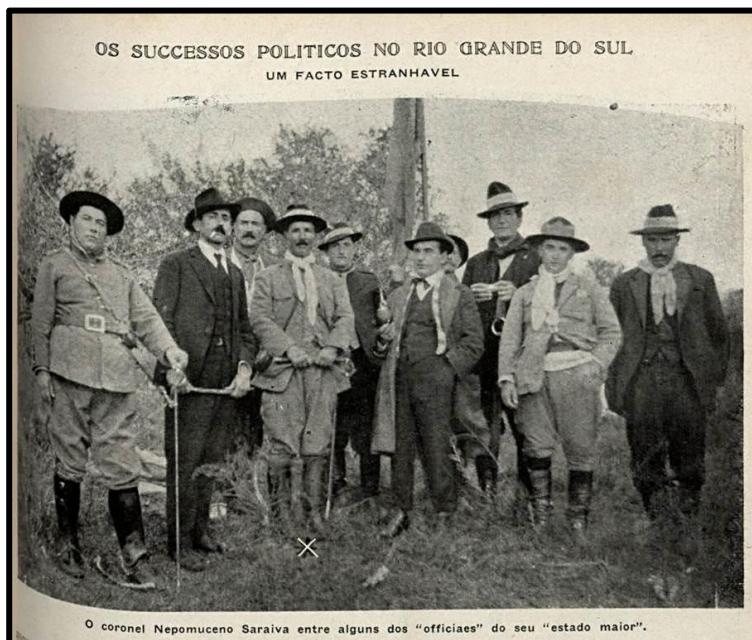


Trincheiras elettrizadas de arame farpado em Palmeira, construídas pelas forças governistas
e a estas pertencentes.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

O conjunto fotográfico intitulado “Os sucessos políticos no Rio Grande do Sul” era acompanhado do subtítulo “Um fato estranhável”, havendo, além das fotos, um texto que realizava apreciações sobre a revolta sulina especificamente quanto à participação de um “caudilho uruguai” nas forças governistas, estabelecendo uma visão crítica sobre a mesma²²:

O movimento revolucionário que, rebentado por ocasião das eleições presidenciais, há meses sacode o interior do Rio Grande do Sul, tem tomado, ultimamente, aspectos de uma luta desoladora e tanto mais angustiosa quanto é certo que os sediciosos agem, numa demorada e admirável resistência, em represália a um fato cuja apreciação está na sua própria linha característica, que exclui, destarte, qualquer parcela de comentário. É o caso, em verdade, pouco digno de ser visto com simpatia pelo brasileiro patriota, que, segundo é já amplamente conhecido, o caudilho uruguai coronel Nepomuceno Saraiva, cuja fotografia publicamos hoje em primeira mão, está, comandando um numeroso contingente de homens seus, igualmente estrangeiros como ele, atacando os gaúchos revolucionários, que nem por isso deixam de ser brasileiros e se acham dentro do território do seu país, onde têm, assim, o mesmo direito dos seus outros irmãos. No Rio Grande do Sul, conforme notícias de lá transmitidas para a imprensa desta capital, reina justa e grande indignação mesmo entre os menos apaixonados governistas, que se tem, a esse respeito,

²² FON-FON. Rio de Janeiro, 9 jun. 1923.

manifestado com palavras de desagrado à atitude revoltante dos responsáveis diretos pela criminosa participação de gente estrangeira em uma luta intestina que só pode e só deve ser resolvida pelos poderes nacionais.

O assunto é, como se vê, de certa gravidade. E reduzidíssimo há de ser, diante disso, o número de brasileiros que não proteste contra a invasão audaciosa do caudilho uruguai.

O tema da presença do militar uruguai Nepomuceno Saraiva voltava a ser debatido pela revista em “Os sucessos políticos no Rio Grande do Sul – novas estranhezas”. Segundo o periódico, “no caso do Rio Grande do Sul há um aspecto que poderia fazer sorrir aos elementos contrários ao governo, se os não deixasse perplexos”. Nesse quadro, “em face dos acontecimentos” que ocorriam “no grandioso Estado”, tal “aspecto” mereceria “um estudo atento e demorado”, referente ao fato de que, “no aceso das lutas aparece a figura de um caudilho estrangeiro chefiando” alguns “bandoleiros” que combatiam a revolução. A publicação considerava que tal “aparição” seria “inexplicável” e provocava “surpresa”, com a pergunta de onde viria “esse intruso” e o que ele desejava “com a sua intervenção na política de um povo que não é o seu”. Chegava a questionar se seria verdade que o mesmo estava “contratado pelo oficialismo estadual”, mas garantia que “o certo é que a sua atuação está se fazendo sentir na revolução sul-rio-grandense”²³.

A matéria era acompanhada por fotografias descritas pelo magazine, destacando que “a gravura

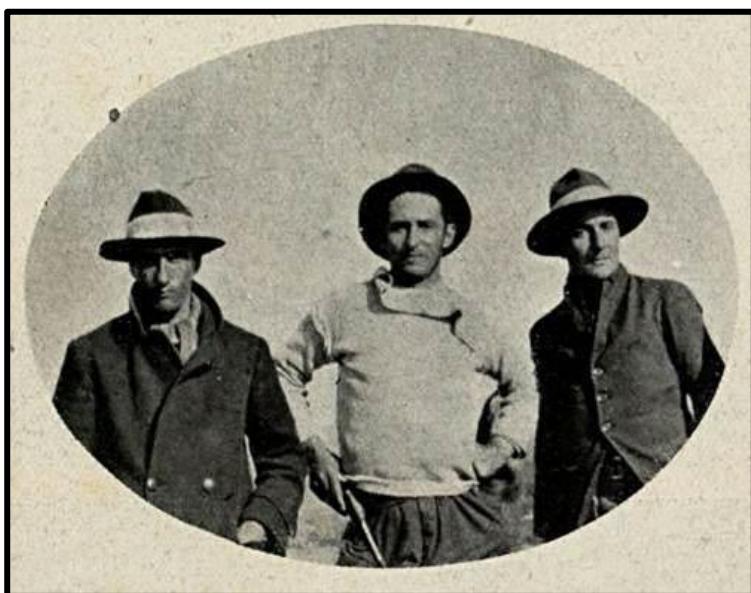
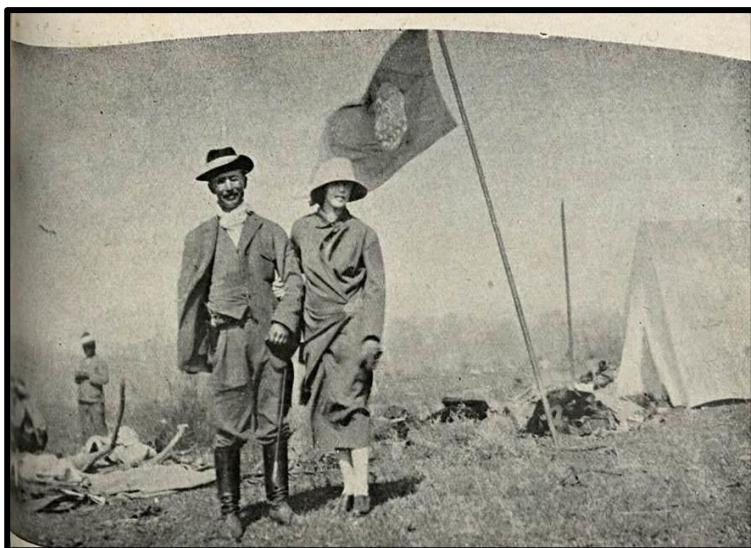
²³ FON-FON. Rio de Janeiro, 16 jun. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

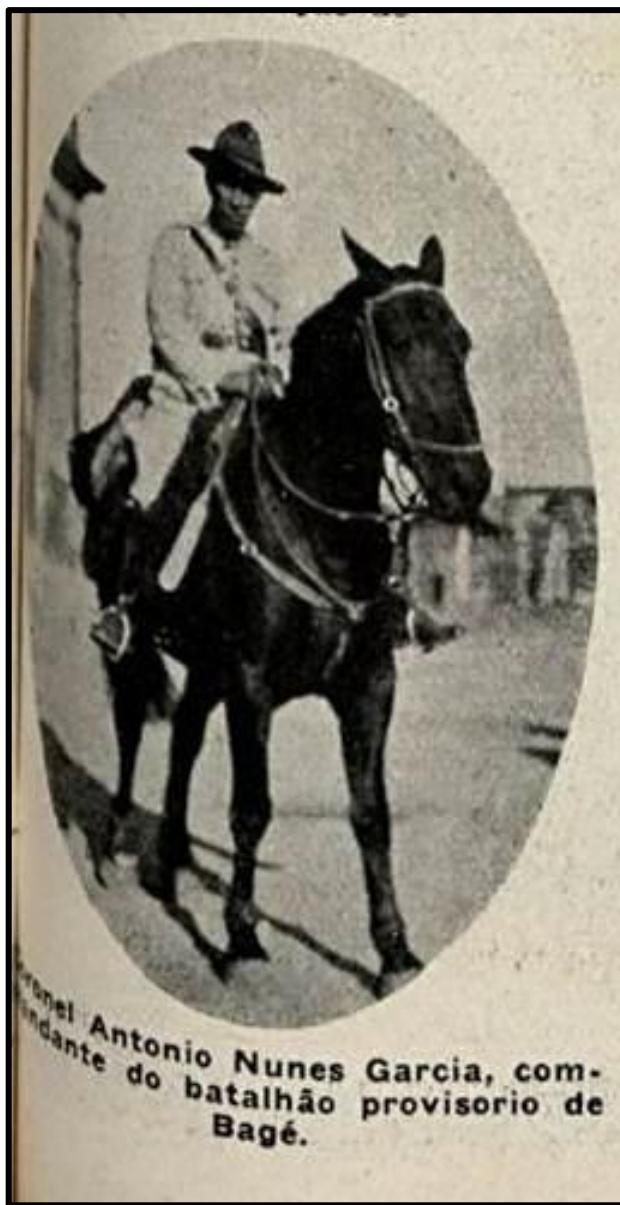
apresenta o caudilho uruguai, acompanhado de uma filha, no acampamento de suas forças" e constatava que, "como se tudo isso não tivesse a significação de uma afronta à nossa soberania, ainda se vê, a seu lado, o pavilhão nacional". Diante disso, perguntava "que tem a nossa gloriosa bandeira com os interesses do aventureiro uruguai?". Ainda a esse respeito, *Fon-Fon* complementava, informando que, "no verso de um postal que nos foi enviado da terra gaúcha e de que damos, na gravura, uma redução" apareciam "caprichosamente datilografadas palavras", que descreviam o seu conteúdo: "Três figuras distintas da sociedade de Montevidéu e que fazem parte das forças uruguaias que atravessaram a fronteira", estando "sob o comando do caudilho coronel Nepomuceno Saraiva", lendo-se "nas fitas brancas que trazem nos chapéus a inscrição 'Exército Republicano'". Frente a isso, a revista deixava "ao leitor brasileiro, em cuja alma se anime a nobreza de algum sentimento de patriotismo, os comentários" que poderiam ser traçados, "se dentro do nosso programa não estivesse consignada a proibição de tal atribuição". Além da ilustração citada, eram publicadas mais duas fotografias, de um comandante de batalhão provisório da cidade de Bagé e o comandante de outro batalhão provisório²⁴.

²⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, 16 jun. 1923.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS
DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Coronel Francellino Meirelles, comandante de outro batalhão provisório.

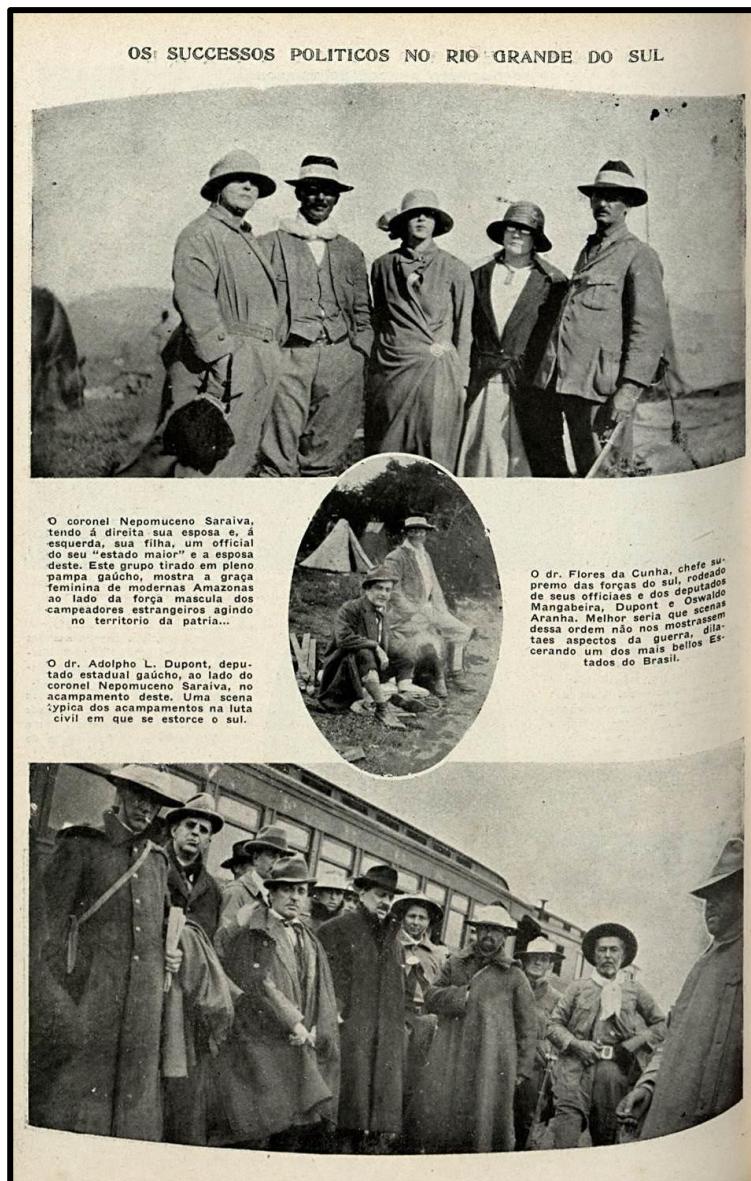
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

A presença do militar uruguai na guerra sulina voltaria a ser abordada pelo periódico ao longo de duas páginas que retomavam o olhar sobre “Os sucessos políticos no Rio Grande do Sul”. O coronel Nepomuceno Saraiva aparecia junto de sua família e de um oficial de seu “estado-maior”, havendo mais uma vez o questionamento quanto a tal presença, com a afirmação de que “este grupo tirado em pleno pampa gaúcho, mostra a graça feminina de modernas amazonas, ao lado da força máscula dos campeadores estrangeiros”, que estariam “agindo no território da pátria”. O tom crítico permanecia em outra descrição, na referência ao “‘estado maior’ do caudilho uruguai, que, com uma forte coluna, invadiu o território brasileiro em auxílio do governo gaúcho”. Perante tal circunstância, era enfatizado que, “à sombra da nossa bandeira sagrada”, figuravam “os vultos dos caudilhos que falam outra língua, surgindo o questionamento: “Quando haverá um remédio a esse abuso formidável?”. Também foram apresentados “alguns dos oficiais amigos do coronel Nepomuceno Saraiva ‘posando’ para os fotógrafos”, observação acompanhada da exclamação - “Ainda os uruguaios!”. Segundo a publicação aquilo significaria um “sinal dos tempos”, mostrando “de que coisas é capaz a cega política”, estando “as nossas cores nacionais em mãos estranhas”. No conjunto fotográfico aparecia ainda “o Dr. Adolfo L. Dupont, deputado estadual gaúcho”, junto do militar uruguai, em “uma cena típica dos acampamentos na luta civil em que se estorce o sul”. Figurou também o político Flores da Cunha, “chefe supremo das forças do sul, rodeado de seus oficiais e dos deputados Mangabeira, Dupont e Osvaldo Aranha”. Com a continuidade do conflito, *Fon-*

Fon opinava que “melhor seria que cenas dessa ordem não nos mostrassem tais aspectos da guerra, dilacerando um dos mais belos Estados do Brasil”. O mesmo Flores da Cunha voltava a figurar junto de suas tropas, havendo o estranhamento levando em conta que, quem conhecera “o elegante deputado na nossa Avenida, nunca pensou, talvez,vê-lo nesses trajes de gaúcho pelejador”²⁵.

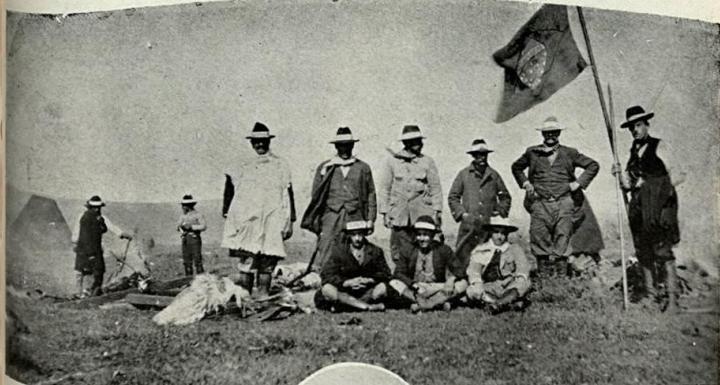
²⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, 23 jun. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

OS SUCCESSOS POLITICOS NO RIO GRANDE DO SUL



O "estado maior" do caudilho uruguaiu, coronel Nepomuceno Saraiva, que com um forte exército, invadiu o território brasileiro, em auxílio do governo gaúcho. A sombra da nossa bandeira saída, os vultos dos caudilhos que faltam ouvir. Quando haverá um remedio a esse abuso formidável?

O "commandante" Flores da Cunha aprecia ao desfile das suas tropas no acampamento de São Sebastião. Que cometeu o deputado deposto Flores da Cunha na nossa Avenida, nunca pensou, talvez, vê-lo nesses trajes de gaúcho pelejador...



Alguns dos officiaes amigos do coronel Nepomuceno Saraiva "passando" para os photographos. Até no uruguaiu São Sebastião tempos. Mostra de que coisas é capaz a cega política. As nossas cōres nacionaes em mãos es- tranhass...



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

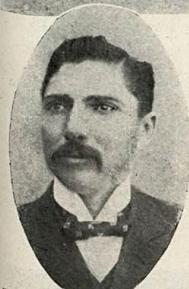
Uma nova fotorreportagem apresentava oficiais do regimento de cavalaria da Brigada Militar do Estado e o mesmo regimento atuando na fronteira, a “operar contra os revolucionários ali homiziados”, além de três “medalhões”, contendo retratos de chefes rebeldes²⁶. Em mais um conjunto fotográfico que ocupava duas páginas, apareciam vários indivíduos, com a presença dos governistas Flores da Cunha e Nepomuceno Saraiva, na frente de um hotel na localidade de Dom Pedrito; o retrato de um comandante revolucionário, com destaque para a faixa que levava ao pescoço, de inspiração libertária; e a Guarda Republicana em Uruguaiana preparando as defesas, “por ocasião do ataque dos sediciosos àquela cidade”. Na segunda página, várias mulheres promoviam uma “cerimônia de entrega de uma bandeira às forças revolucionárias, à porta da matriz de Do Pedrito”. O tema do mercenário oriental retornava, ao referir-se a “mais uma curiosa e recente fotografia do caudilho uruguai”, o qual trouxera “bandoleiros do seu país” e “invadiu o território nacional em auxílio do governo do Rio Grande do Sul e, segundo dizem, contratado para esse fim”. Por fim, figuravam “oficiais médicos das forças revolucionárias” presentes em Dom Pedrito, localidade na qual “se têm desenrolado os mais famosos combates entre tropas governistas e sediciosos, invencíveis ambos e ambos extraordinariamente, terrivelmente poderosos”²⁷.

²⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 30 jun. 1923.

²⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 21 jul. 1923.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

OS SUCCESSOS POLITICOS NO RIO GRANDE DO SUL



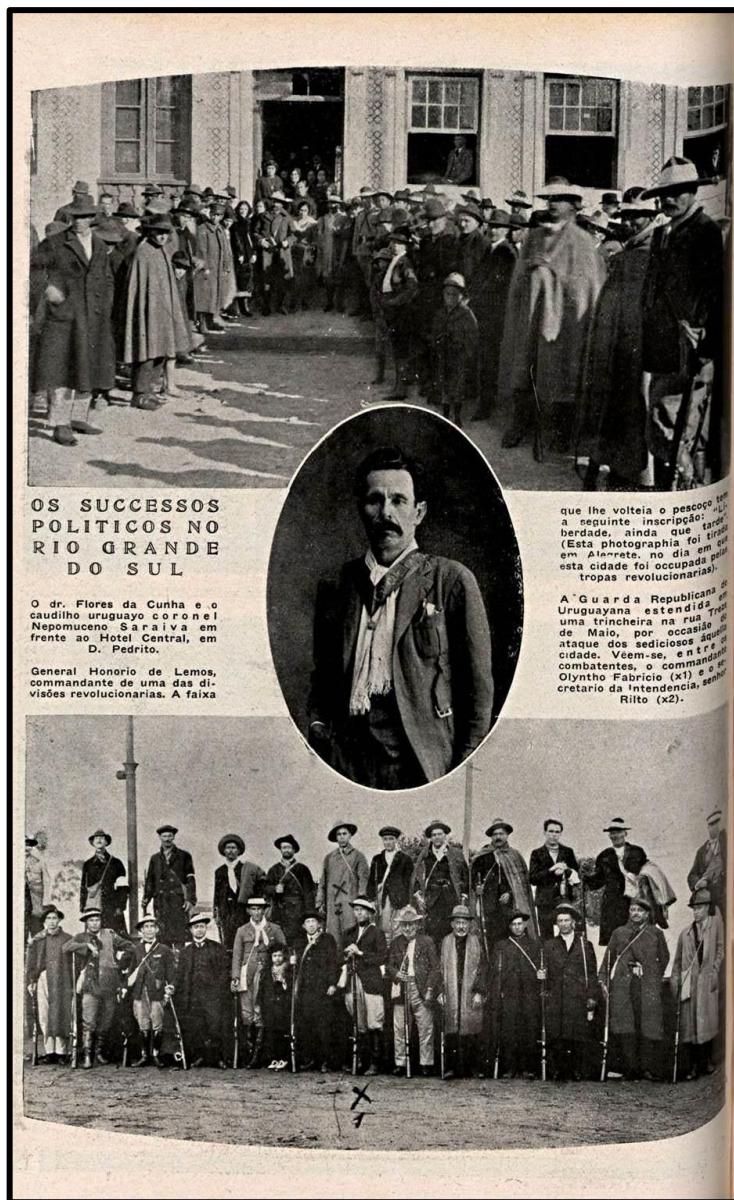
Em cima: Oficiais do primeiro regimento de cavalaria da brigada militar do Estado. O que está à paizana é o ten. Oliveira Motta, actualmente exercendo o posto de alferes de escravo, no provisório acuartelado e em operações na vila de Palmeira.

Nos medalhões: o coronel Frederico Ebling, do estado Maior do general Felipe Portinho; o general Honório de Lemos, cognominado "Leão do Caverá" pelo trabalho

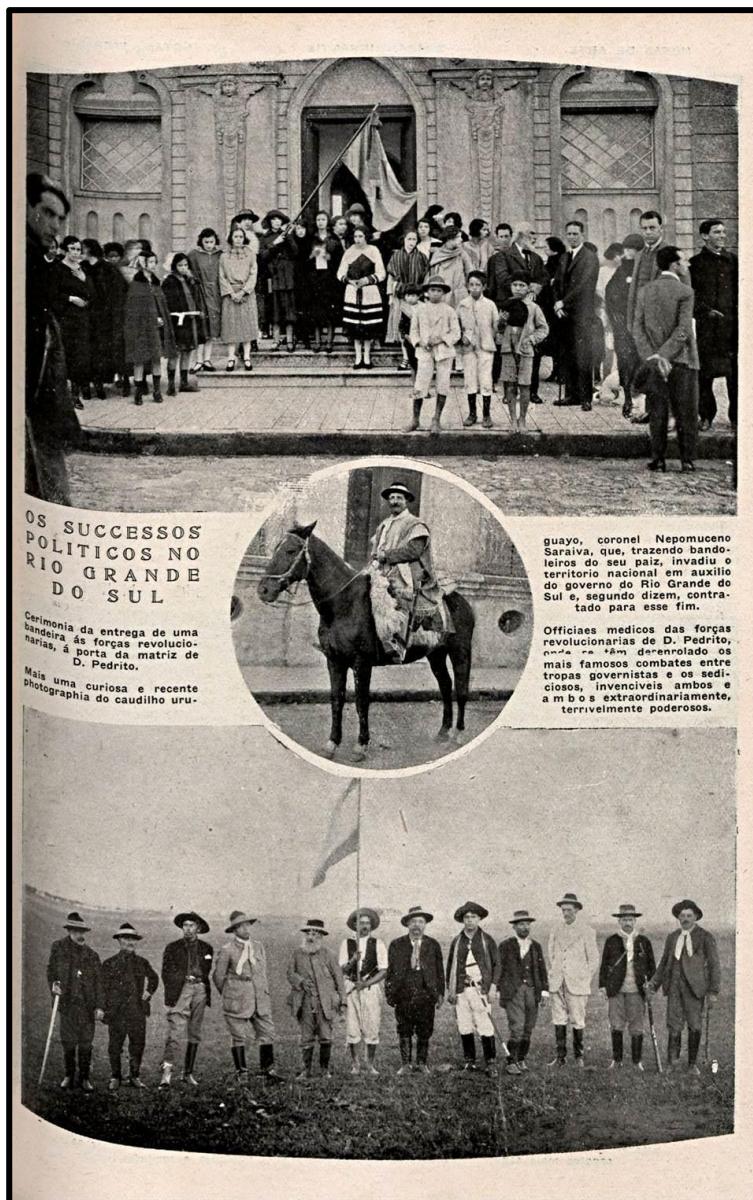
que tem dado às forças estaduais; e major Francisco Claro da Silva, que opera na Divisão do Norte, sob o comando do general Felipe Portinho.

Em baixo: o segundo regimento de cavalaria da brigada militar, que esteve destacado em Palmeira, achan-
do-se, actualmente, na fronteira do Estado, a operar contra os revolucionários ali homiziados.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



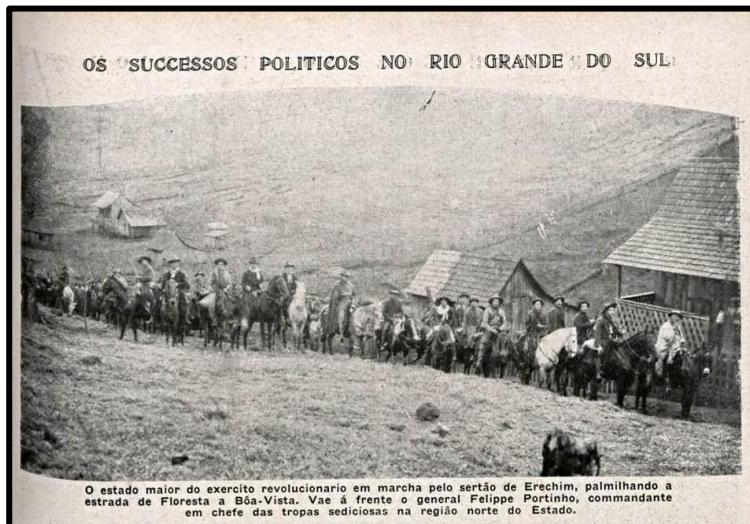
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

As forças revolucionárias lideradas pelo general Felipe Portinho foram o mote de mais um “Os sucessos políticos no Rio Grande do Sul”, em suas ações desenvolvidas na região da localidade de Erechim²⁸. Sem deixar de lado o tema central, mas mudando o enfoque geográfico para o Rio de Janeiro, *Fon-Fon* trouxe matéria fotográfica denominada “Em benefício dos nossos irmãos do sul”. Uma das fotos apresentava um “aspecto do salão nobre do Clube dos Diários, por ocasião do chá-dançante em benefício dos feridos do Rio Grande do Sul”; já a outra trazia “as altas autoridades e riograndenses ilustres presentes à festa benficiante do Clube dos Diários”, aparecendo, por exemplo, o Vice-Presidente da República, o Ministro da Guerra e o líder rebelde Assis Brasil. Na mesma linha, em meio aos “Acontecimentos locais”, foi publicada cena de “um dos recantos do Clube dos Diários, durante a festa em benefício dos feridos e necessitados do Rio Grande do Sul”²⁹.

²⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, 28 jul. 1923.

²⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, 11 ago. 1923.

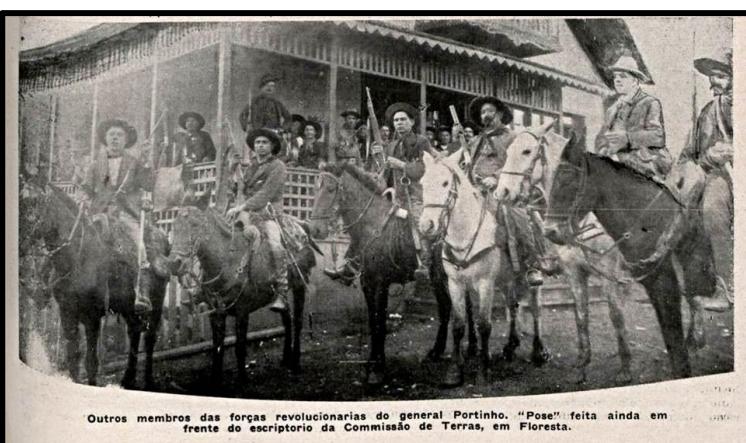
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



Capitão Padilha e um seu filho, ambos pertencentes ás
forças do general Felippe Portinho.



Outros membros das forças revolucionárias do general Portinho. "Pose" feita ainda em
frente do escriptorio da Comissão de Terras, em Floresta.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

EM BENEFICIO DOS NOSSOS IRMAOS DO SUL



Aspecto do salão nobre do Club dos Diários, por occasião do chá-dansante ali realizado sabbado em beneficio dos feridos do Rio Grande do Sul.



As altas autoridades e riograndenses illustres presentes à festa beneficente do Club dos Diários. Entre outros, vêem-se o vice-presidente da Republica, o ministro da Guerra e dr. Assis Brasil.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



O título das fotorreportagens mudava para “O Rio Grande do Sul conflagrado”, com a publicação de três fotografias, uma delas com um comandante das forças revolucionárias, acompanhado de seu estado-maior, que operavam na fronteira do Estado; outra trazia “feridos recolhidos em uma das salas da enfermaria da Cruz Vermelha Libertadora”, na localidade de Erechim; e a terceira contendo tropas revolucionárias perfiladas³⁰. Uma nova atividade benéfica, esta organizada em São Paulo, fez parte da pauta da revista, que mostrou um “saraú dançante promovido por uma comissão de gaúchos residentes em São Paulo, em benefício da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul”, aparecendo ainda “a comissão organizadora da festa” e “alguns vultos da

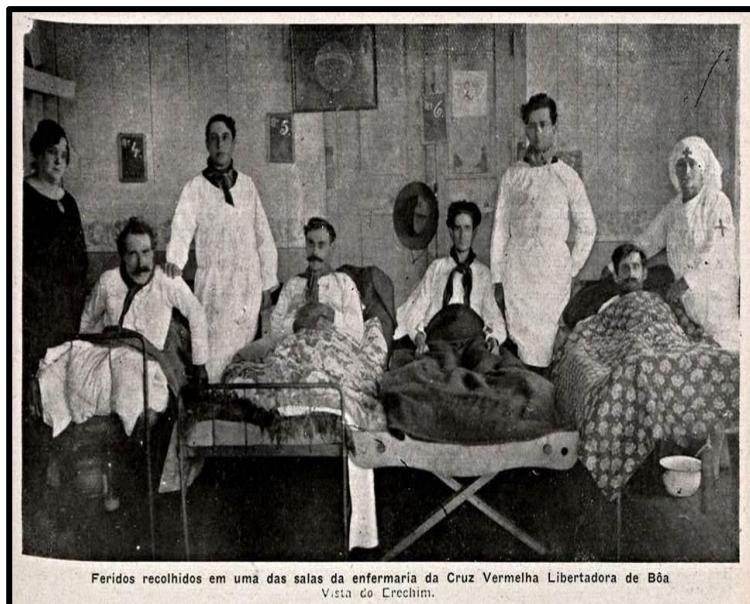
³⁰ FON-FON. Rio de Janeiro, 18 ago. 1923.

colônia rio-grandense-do-sul domiciliada na capital paulista". "Os sucessos políticos no Rio Grande do Sul" retornava, estampando duas fotografias, uma com "o segundo esquadrão do terceiro corpo provisório destacado em Palmeira" e as forças governistas sob comando do coronel Flores da Cunha e do caudilho uruguaió Nepomuceno Saraiva, dando entrada na cidade de Quaraí³¹.

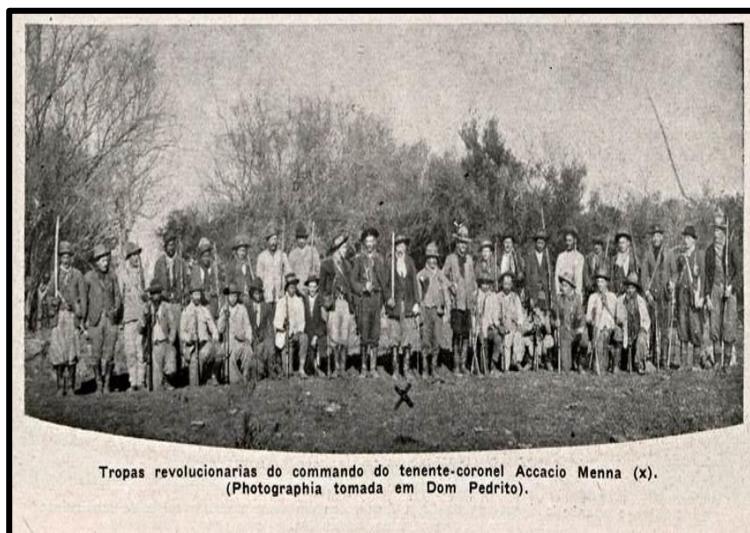


³¹ FON-FON. Rio de Janeiro, 8 set. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



Feridos recolhidos em uma das salas da enfermaria da Cruz Vermelha Libertadora de Bôa Vista do Erechim.



Tropas revolucionarias do commando do tenente-coronel Accacio Menna (x).
(Photographia tomada em Dom Pedrito).

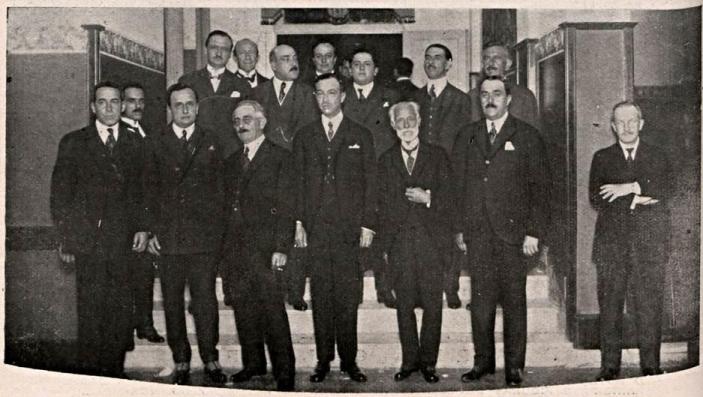
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



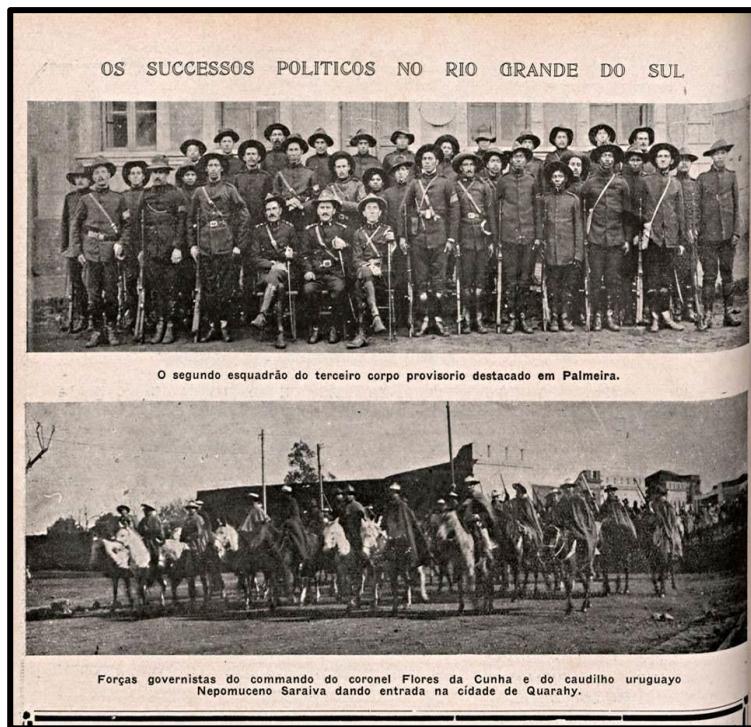
DE
SÃO
PAULO

Sarau dansante promovido por uma comissão de gaúchos residentes em São Paulo, em benefício da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul.

A comissão organizadora da festa:
Alguns vultos da colônia rio-grandense do sul domiciliada na capital paulista.



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



Das edições do final de outubro em diante, o foco editorial do magazine, ao abordar a Revolução de 1923, voltou-se a cobrir a missão de Setembrino de Carvalho no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o Ministro da Guerra aparecia posando para fotografias ao lado de vários outros oficiais, “momentos antes de sua partida para o Rio Grande do Sul” e “já dentro do comboio em que viajou para o extremo-sul do país”³². Mais tarde aparecia “A viagem do Ministro da Guerra ao sul do país”, com Carvalho deixando o Palácio do Governo em

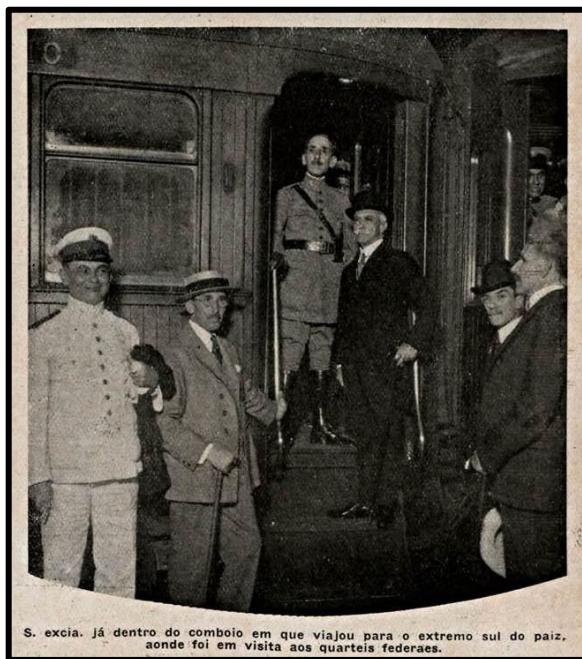
³² FON-FON. Rio de Janeiro, 20 out. 1923.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

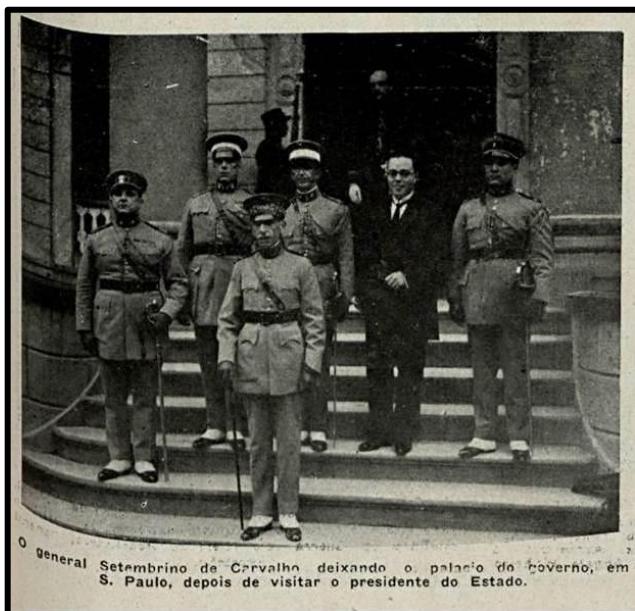
São Paulo; em almoço na localidade de Ponta Grossa, no Paraná; no desembarque em Porto União da Vitória; o almoço no trem; e chegando a Herval, onde encontrou o chefe rebelde general Portinho; lendo um despacho telegráfico em Herv; em companhia dos generais Azambuja e Portinho em Herval; caminhando ao lado de líderes rebeldes; churrasqueando com militares revolucionários em Herval; partindo da localidade de Herval; chegando ao novo hospital do exército em Cruz Alta; retornando ao comboio em Passo Fundo; junto de famílias assistindo ao embarque em Passo Fundo; observando o funcionamento de uma máquina de perfuração em Passo Fundo; em viagem na locomotiva, compondo a comitiva o fotógrafo de *Fon-Fon*, Euclides Nascimento; na estação de Pinheiro Machado, junto do general governista Andrade Neves; e em homenagem recebida no Clube Comercial da localidade de Cruz Alta³³.

³³ FON-FON. Rio de Janeiro, 10 nov. 1923.

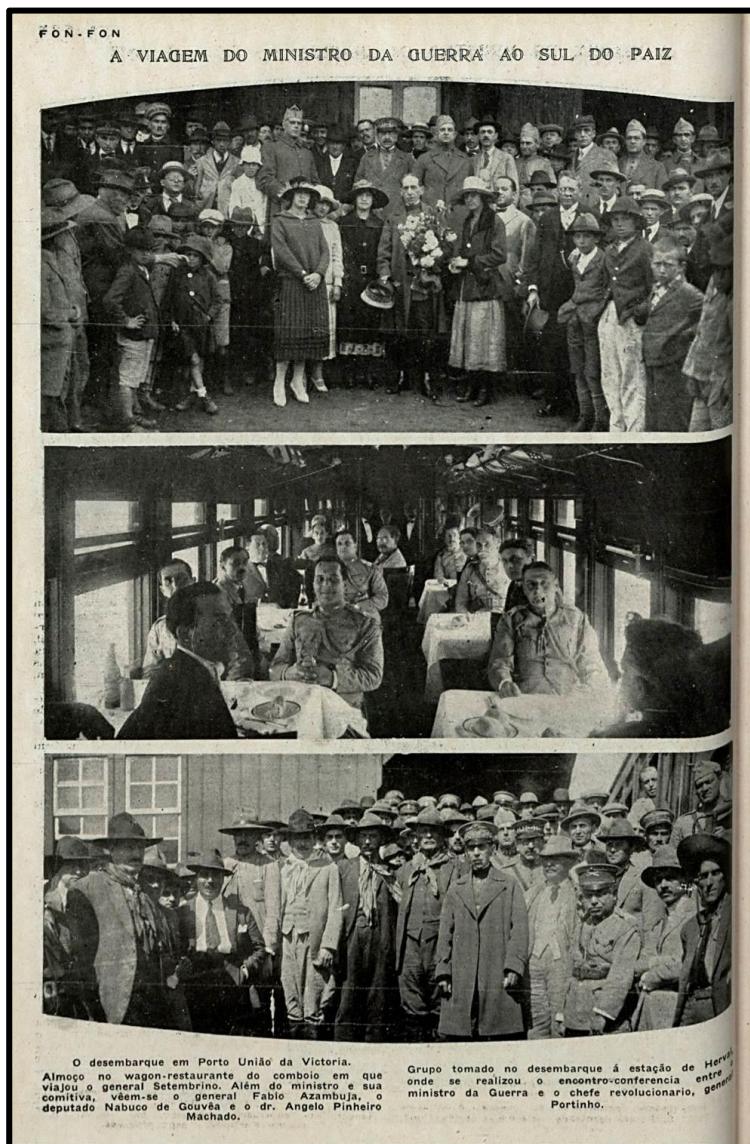
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A VIAGEM DO MINISTRO DA GUERRA AO SUL DO PAIZ

FUN. FON.



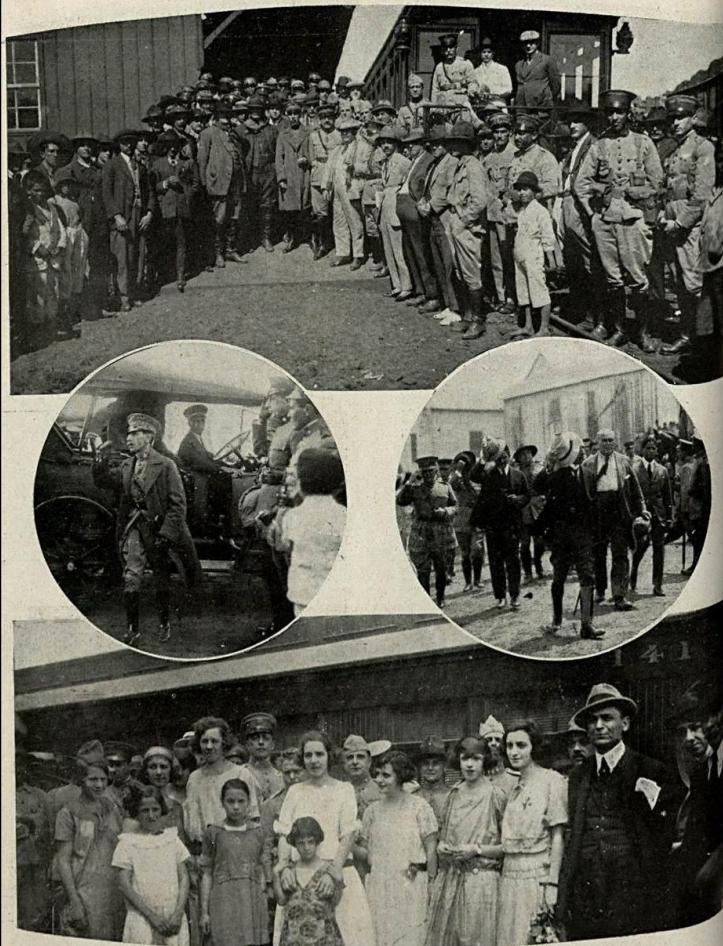
O General Setembrino lê um despacho telegraphico em Herval, Santa Catharina. Um interessante instantâneo do general Setembrino e companhia dos generais Azambuja e Portinho, em Herval.

S. ex. caminhando ao lado do dr. Angelo Pinheiro Machado e general Portinho, um dos chefes da revolução paulista. Aspecto do churrasco oferecido, em Herval, pelo general Portinho e seus officiaes.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

FON-FON

A VIAGEM DO MINISTRO DA GUERRA AO SUL DO PAIZ



A partida de Herval, ultima estação do território catarinense. Vê-se o ministro da Guerra cercado pelos membros da sua comitiva, autoridades locais e alguns dos chefes do movimento revolucionário do Rio Grande do Sul, entre elles o general Portinho.

O ministro da Guerra chegando ao novo hospital do Exército em Cruz Alta, onde s. ex. é recebido com os grandes demonstrações de sympathia e apreço por parte dos directores daquele estabelecimento.

Regresso do ministro e sua comitiva ao combate especial em Passo Fundo. Ao lado do general Setembrino caminham, além dos membros de sua comitiva, entre os quais figura o deputado Nabuco de Gouvêa, altos patentes do Exército.

Familias de Passo Fundo assistindo ao embarque do general Setembrino de Carvalho, naquella localidade.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A VIAGEM DO MINISTRO DA GUERRA AO SUL DO PAIZ

FON-FON



A assistencia observando o funcionamento de uma máquina de perfuração do solo, em Passo Fundo. Membros da comitiva ministerial viajando na locomotiva. São elles o major Euclides Figueiredo, oficial de gabinete do ministro; major Thiago Barroso, doutor Alberto Gutierrez, engenheiro-chefe da inspecção da Brasil Railway e o photographe de FON-FON, Euclides Nascimento.

Dr. Alvaro Pereira, major Carlos Eiras, dr. Firmino Dutra, dr. Alberto Gutierrez e major Barroso

Na estação de Pinheiro Machado. Os generais Setembrino e Andrade Neves, commandante da 1ª região, rodeado por algumas enfermeiras da Cruz Vermelha local. A direita do ministro da Guerra, está a senhora do general Menna Barreto, um dos principais chefes do movimento revolucionário do Rio Grande do Sul.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

RON-RON

A VIAGEM DO MINISTRO DA GUERRA AO SUL DO PAÍS



Senhoras e senhorinhas presentes ao baile do Club Commercial de Cruz Alta em homenagem ao general Setembrino, que foi um dos seus fundadores.



O general Setembrino ao ser recebido no salão nobre do Club Commercial, de Cruz Alta, na noite da grande festa que lhe foi oferecida.



Um fraglante do sarau dansante do Club Commercial.

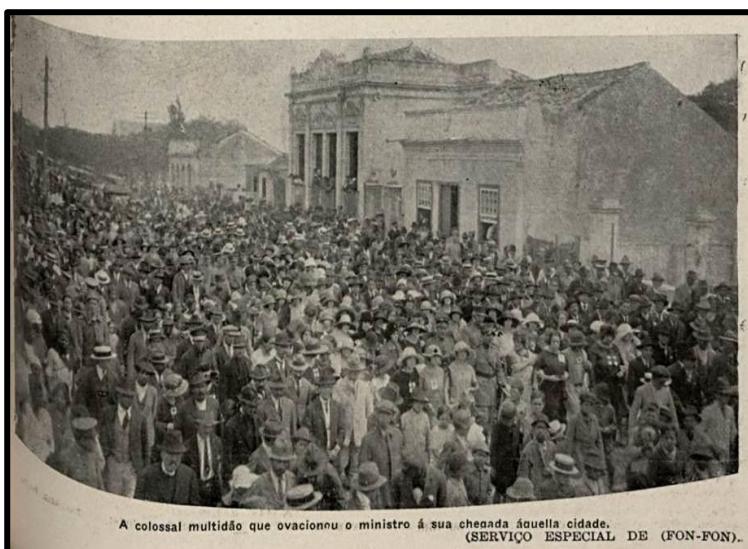
Já em dezembro, o tema central passava a ser a pacificação. Em conjunto fotográfico denominado “Do Rio Grande do Sul”, o destaque era para “senhoras e senhorinhas da sociedade de Santa Maria, leitoras assíduas de *Fon-Fon*”; militares libertadores em Bagé, “por ocasião da assinatura da paz”; algumas figuras femininas de Rio Pardo, posando para a *Fon-Fon*, com a presença do general Andrade Neves e do Ministro Setembrino de Carvalho. O enviado presidencial continuava em destaque, com “A visita do Ministro da Guerra ao Rio Grande”, sendo ele recepcionado por grande número de pessoas em São Gabriel, onde teria sido ovacionado por “colossal multidão”. Na mesma cidade ocorreu “imponente ‘marcha-aux-flambeaux’”, em homenagem ao “ilustre visitante” e o Ministro percorreu as dependências do quartel federal. Carvalho ainda visitou a sede da Cruz Vermelha na localidade de Rosário e esteve em Saicã e em Cachoeira³⁴.

³⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, 8 dez. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



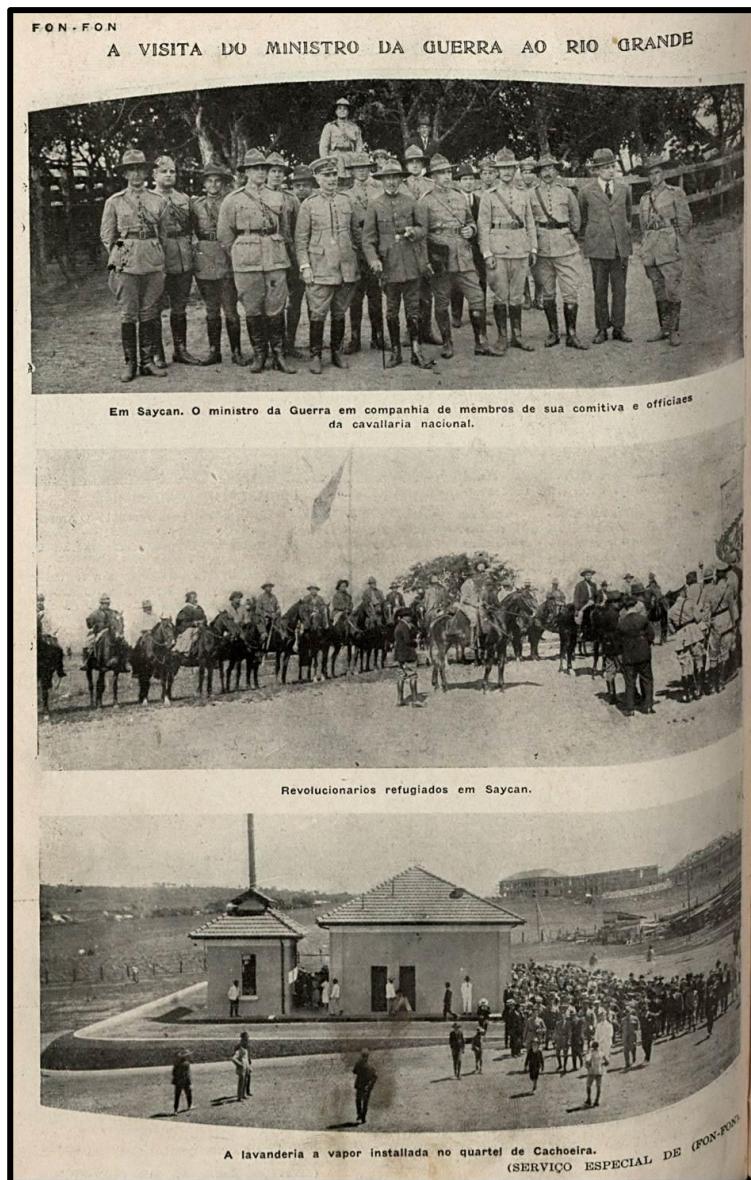
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

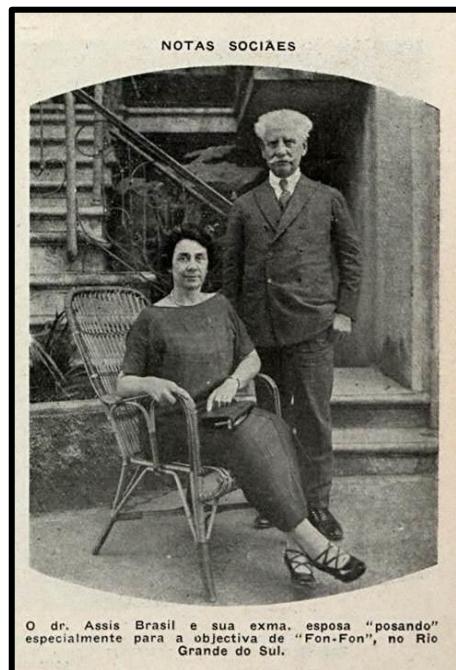


Mais um registro “Do Rio Grande do Sul” foi transformado praticamente em uma coluna social – como era do gosto da revista – mostrando um “chá-tango” oferecido às senhorinhas de Bagé pelos oficiais da comitiva do Ministro da Guerra”, revelando o intento do emissário governamental de inserção na sociedade gaúcha. Também em Bagé, pouco depois da conferência de paz, aparecia Assis Brasil acompanhado de vários membros da sociedade local. O mesmo Assis Brasil, ao lado da esposa, posou “especialmente para a objetiva de *Fon-Fon*”³⁵.



³⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, 15 dez. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



O encerramento das tratativas que culminou com o fim da guerra civil foi comemorado pela *Fon-Fon*, com a matéria “A paz no Rio Grande do Sul”, trazendo o protagonismo do general Setembrino de Carvalho, apontado como “eminente Ministro da Guerra, que vem juntar à glória da sua pacificação anterior do Contestado e do Ceará, a do Rio Grande do Sul”, considerada como “mais delicada e mais nobre porque foi um grande ato político, sem derramamento de sangue”. Além do retrato do emissário governamental, denominado de “pacificador, grande soldado e político” e “justamente cognominado o ‘Caxias da República’”, apareciam fotografias dos membros de seu estado-maior³⁶.

³⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

FON-FON

A Paz no Rio Grande do Sul

O general Setembrino de Carvalho, eminente ministro da Guerra, que vem juntar à glória de sua pacificação anterior do Contestado e do Ceará, a do Rio Grande do Sul, mais delicada e mais nobre porque foi um grande acto político, sem derramamento de sangue, e seu efeito maior.



Major Euclides Figueiredo,
official de gabinete.



Major Rego Barros,
official de gabinete.



General Setembrino de Carvalho, o
Pacificador, grande soldado e polí-
tico, justamente cognominado o
— "Caixa da República". —



Tenente-coronel Lafayette Cruz,
auxiliar proeminente do sr. ministro
e de seu gabinete.



Major Pedro Gomes,
official de gabinete.



Tenente Agenor Mello,
ajudante de ordens.



Capitão intendente Rabello.



1º tenente dr. Carlos Sanzio,
médico.



Sr. José Soares.
telegraphista.



Exultante, o magazine publicou a coluna “A pacificação do Rio Grande do Sul”, enaltecendo o final dos enfrentamentos no território sulino³⁷:

No fim da última semana, os placares das folhas diárias afixavam uma notícia que enchia de regozijo a população do Rio, notadamente os gaúchos residentes na capital: fora assinado o discutido acordo pondo termo à luta fratricida que, há longos meses, vinha ensanguentando o território do próspero Estado do Rio Grande do Sul.

E – devemos acentuar – o grande apóstolo dessa bendita e delicada missão de patriotismo e de benemerência foi o general Setembrino de Carvalho, figura respeitável de militar, a cuja sabedoria e prudência o governo da República havia confiado a tarefa de resolver o problema.

O ilustre Ministro da Guerra agiu de conformidade com a mais refletida calma e, depois de várias conferências com os chefes revolucionários e as autoridades governistas do Rio Grande, conseguiu que os bravos gaúchos confraternizassem, aceitando a proposta que estabelece garantias para os partidos divergentes, restituindo, desta forma, a paz tão almejada à grande unidade da federação.

Assim pacificado, o Rio Grande do Sul há de prosseguir na grande e nobre jornada de desenvolvimento e de progresso, que tão intremulamente empreendia – jornada interrompida pela conflagração que lhe veio perturbar a vida.

³⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.

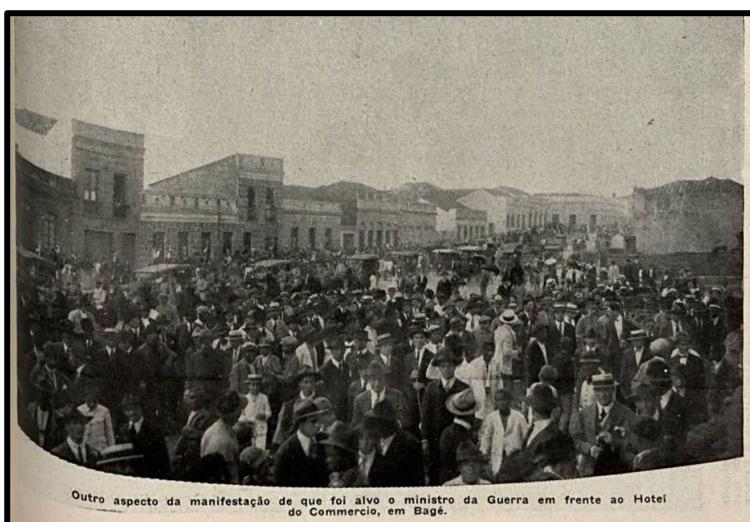
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

Glória aos heroicos filhos da terra gloriosa dos pampas, que, para atender aos reclamos angustiados dos seus irmãos, souberam colocar acima dos seus interesses os interesses da pátria!

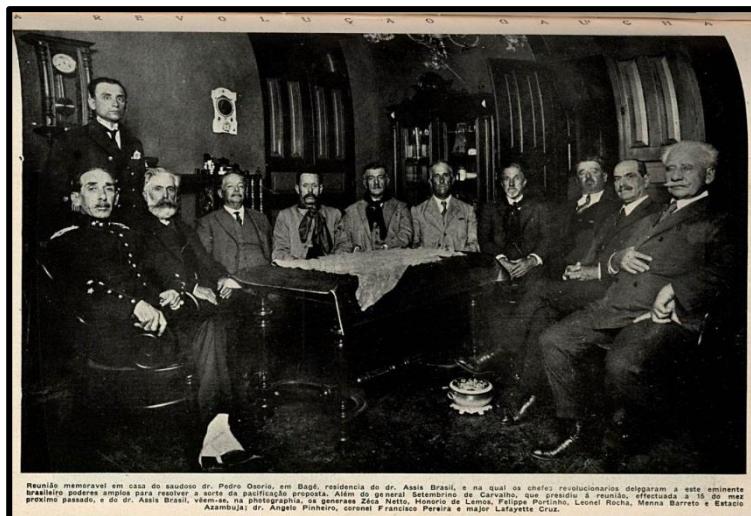
Setembrino de Carvalho continuou exercendo o papel de protagonista nos registros acerca do sul, com a manutenção da matéria “O Ministro da Guerra no Rio Grande do Sul”. Dessa maneira, o general aparecia em “grande manifestação popular” feita em sua homenagem, na cidade de Bagé, com grande público presente à solenidade; em “reunião memorável” junto de líderes rebeldes; em baile a ele oferecido no Clube Comercial de Bagé; em inauguração de quartel na mesma localidade; na residência/estância dos viscondes de Magalhães; em festival que lhe homenageava organizado pela Cruz Vermelha de Bagé, no qual foi organizado um “quadro alegórico da paz”; e apreciando um churrasco oferecido pelo intendente municipal bajeense³⁸.

³⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, 22 dez. 1923.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



Reunião memorável em casa do saudoso dr. Pedro Osório, em Bagé, residência do dr. Assis Brasil, em que os chefes revolucionários delegaram a este eminente Bagelense a missão de organizar a forte resistência ao general Setembrino de Caxias. Na foto, os generais Zé Neto, Honório de Lemos, Filópe Portinho, Leonel Rocha, Menna Barreto e Estácio Amâncio; dr. Antônio Pinheiro, coronel Francisco Pereira e major Lafayette Crudo.

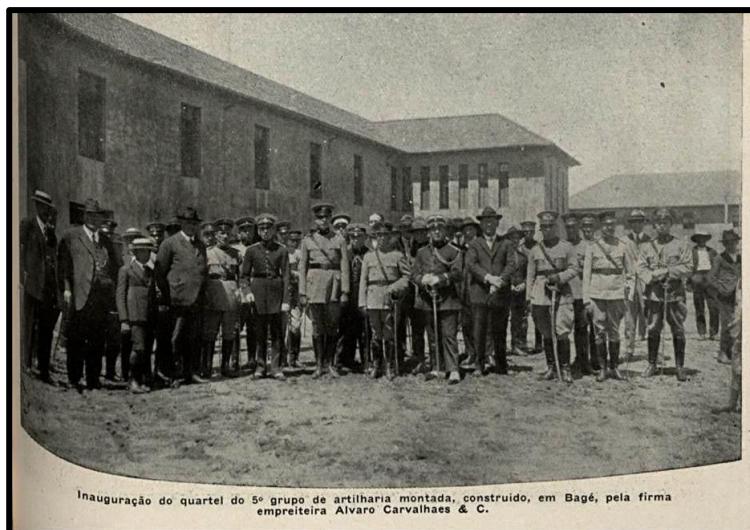


O MINISTRO DA GUERRA NO RIO GRANDE DO SUL

FON-FON

Baile oferecido ao general Setembrino, no Club Commercial, de Bagé, na noite de 15 de novembro.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Inauguração do quartel do 5º grupo de artilharia montada, construído, em Bagé, pela firma empreiteira Alvaro Carvalhaes & C.



FON-FON
O MINISTRO DA GUERRA NO RIO GRANDE DO SUL
Na residência dos viscondes de Magalhães, que se vêem sentados, ao lado do general Setembrino. Em pé, estão, além de membros da illustre família, os deputados Nabuco de Gouveia e Mangabeira, o coronel Furtado e os auxiliares e oficiais de gabinete do ministro da Guerra, destacando-se, à direita, o dr. Cipriano Lage.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Quadro allegorico da Paz, em que tomaram parte senhorinhas da "élite" bagéense.



FON-FON
O MINISTRO DA GUERRA NO RIO GRANDE DO SUL
Em Bagé, o intendente municipal, coronel Tupy Silveira, oferece, na "Hydraulica", um churrasco ao general Setembrino de Carvalho.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

Assim, a abordagem da *Fon-Fon* em referência à Revolução de 1923 se prendeu à sua proposta editorial da época, com preferência pelo enfoque informativo, ao regime coercitivo que recaía sobre a imprensa e aos cuidados naturais ao tratar de uma guerra fratricida. Além disso, a revista seguia uma prática que já se transformara em verdadeira tradição de significativa parte das publicações de seu gênero, embasada predominantemente no fotojornalismo, com o uso de uma linguagem jornalística visual, que, por meio de uma imagem, isolada ou associada a outros elementos constitutivos da matéria, voltava-se a estabelecer uma mensagem jornalística³⁹. O intento da isenção ficava expresso nessa perspectiva, no quadro em que uma suposta neutralidade derivaria do uso da fotografia, como expressão da realidade, a partir da versão de que esse tipo de registro assumia uma natureza testemunhal, a partir da qual os receptores nela viam apenas a “expressão da verdade”, posto que resultante da “imparcialidade” da objetiva fotográfica⁴⁰. Nesse sentido, o movimento foi observado pelas lentes fotográficas, com o propalado escopo de dar um tratamento igualitário às duas frentes em conflito. A única posição crítica do magazine coube à participação de um mercenário estrangeiro – prática bastante comum nas guerras gaúchas – considerada inaceitável pela edição carioca. O enfrentamento bélico foi considerado como prejudicial ao Estado sulino e ao país como um

³⁹ PEITZER, Gonzalo. *Jornalismo iconográfico*. Lisboa: Planeta Editora, 1992. p. 82.

⁴⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 27.

todo, de modo que o grande anelo passava a ser a pacificação, o qual culminaria com o encerramento do confronto em dezembro de 1923, momento em que a publicação ilustrada realizou uma ode à paz, personificada na figura do Ministro da Guerra, com os elogios estendendo-se, portanto, ao governo federal. Dessa maneira, sem tomar partido abertamente quanto aos oponentes, *Fon-Fon* veiculou – para utilizar o termo que lhe servira de inspiração desde as suas origens – os informes, calcados essencialmente no conteúdo imagético, que lhe pareciam essenciais para ser transmitidos ao seu público leitor espalhado por todo o país.

A Ilustração Pelotense e sua breve incursão ao tema da Revolução de 1923

A popularidade das revistas ilustradas constituiu um fenômeno que teve o Rio de Janeiro por epicentro, mas se espalhou pelo país, atingindo várias das cidades brasileiras com atividades jornalísticas mais avançadas. Isso ocorreu também em Pelotas, localidade que progredira a partir das lides pecuário-charqueadoras e se afirmaria como polo comercial sul-rio-grandense. A partir de tal desenvolvimento econômico ocorreria igualmente um aprimoramento cultural propício ao avanço do jornalismo. Em meio a diários, satírico-humorísticos, literários e publicações representantes de determinados segmentos socioeconômicos, abriu-se espaço também para a presença do gênero ilustrado.

Nesse sentido, passaria a ser editada em Pelotas a *Ilustração Pelotense*, que circulou a partir de 1919, durando até o final dos anos 1920, vindo a tornar-se uma das principais revistas ilustradas do Rio Grande do Sul⁴¹. Seu escopo editorial era vinculado a matérias diversificadas, sendo um dos seus principais fios condutores a divulgação literária, passando também pelo mundanismo, o high-life citadino e as vivências em sociedade. De acordo com suas propostas e levando em

⁴¹ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 72.

conta sua distribuição quinzenal, não se preocupou com as notícias do dia a dia, além de ter buscado um afastamento dos assuntos de natureza política.

Tal publicação pelotense constituiu uma revista de variedades que se tornou uma das primeiras publicações da urbe a utilizar a fotografia em suas edições. Voltava-se aos acontecimentos sociais, às novidades locais e de outros municípios da região. Trazia em suas páginas crônicas, poemas e material publicitário, divulgando as potencialidades regionais de moda e literatura ou as inovações decorrentes do avanço científico e tecnológico⁴². Assim como a vida cultural citadina e a imprensa como um todo, a presença desse magazine ilustrado demonstrou a influência europeia no modo de vida da cidade de Pelotas⁴³.

Surgindo nos primeiros meses do ano de 1919, logo em seguida a *Ilustração Pelotense* passou por uma interrupção de três meses em sua circulação. Ao ressurgir, a redação do periódico dizia que o mesmo retornava “para a defesa apaixonada do belo, em todas as suas manifestações sublimes”. Afirmava também que, “sem cor política ou religiosa”, teria “suas colunas abertas a todos os que, sob sua exclusiva responsabilidade e dando aos seus trabalhos feição

⁴² OLIVEIRA, Ana Claudia de & MARRONI, Fabiane Villela. Um discurso da *Belle Époque*: moda e modo de vida na revista *Ilustração Pelotense*. *Galaxia*, São Paulo, n. 32, ago. 2016, p. 123.

⁴³ MARRONI, Fabiane Villela & OLIVEIRA, Ana Claudia de. Os bens de consumo nos reclames do período da *Belle Époque* em Pelotas, no extremo sul do Brasil, divulgados pela revista *Ilustração Pelotense*. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. 1, julho, 2016. p. 175.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

literária”, quisessem “externar, no terreno elevado dos princípios e, pois, impessoal, suas opiniões e suas crenças”. A publicação propunha-se a, sem preferências, registrar, “imparcialmente, como acontecimentos sociais, todos os atos solenes das associações locais”. Além disso, saudava “a sociedade pelotense, hipotecando-lhe o franco e decidido apoio em todos os cometimentos que visem à manutenção dos seus foros de cultura”⁴⁴.

Ao comemorar “mais um ano de publicidade”, o magazine declarava que permaneceria com suas colunas abertas aos “sonhadores e poetas, artistas e estetas” que laboravam, “nesta colmeia apreciável, o favo que há de levar aos lábios dos leitores o mel para a doçura da vida”⁴⁵. Em outro aniversário, a revista destacava que já fora incorporada aos “costumes sociais” citadinos, uma vez que, as suas “refulgências” vinham a “refletir-se na sociedade pelotense, de cuja cultura é nela, iniludivelmente, um apreciável fator”. Nesse quadro, a *Ilustração Pelotense* atribuía a si mesma uma “missão tríplice”, a qual estaria a desempenhar “com galhardia” e que se constituiria, portanto, de três elementos constitutivos: ela acompanharia “o movimento social pelotense”, promovendo o seu desenvolvimento; seria o “veículo de coisas lapidares, pois lhe ilustram as páginas nomes consagrados no mundo literário brasileiro e, assim, desenvolve o gosto pela boa leitura”; e “nela se iniciam os novos, e, neste caso, cabe-lhe a glória do preparo das novas gerações literárias”. Desse modo, a

⁴⁴ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 1º set. 1919.

⁴⁵ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 1º jan. 1921.

partir de tais motivos, a publicação se via como “cercada de verdadeiro prestígio e de grande estima”⁴⁶.

Tendo em vista seu norte editorial, a política governamental da época coercitiva quanto à liberdade de expressão e o extremo zelo normalmente destinado ao tratar-se de temáticas envoltas em uma guerra civil, a *Ilustração Pelotense* evitou realizar uma cobertura acerca da Revolução de 1923, chegando a optar pelo silêncio em relação ao enfrentamento bélico. A revista só viria a tratar do conflito nos seus últimos meses e, mais efetivamente quando houve a invasão das forças rebeldes à cidade de Pelotas e no momento em que se desencadeou de maneira mais decisiva o processo de pacificação do Estado sulino.

Uma dessas incursões ocorreu por ocasião das comemorações do 7 de Setembro e as lembranças do ano anterior, quando foi comemorado o centenário da independência. No texto permaneceu o tom ufanista e patriótico, mas o entusiasmo era interrompido em um parágrafo, com a constatação da existência de “um travo de amargura”, pelo qual o “coração de brasileiro confrange-se” perante o “espetáculo doloroso das paixões políticas desencadeando-se em fúria sobre o solo abençoado da pátria”, de maneira que a “sonoridade festiva” parecia dar “a impressão” de um “vaso de cristal partido”. Diante de tal constatação, a revista concluía que deveria predominar “o patriotismo sincero e esclarecido”, em lugar de “ódios políticos, ambições pessoais” e “desmandos administrativos”. Nesse número ocorreria um registro fotográfico da “Revolução

⁴⁶ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 1º jan. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

Gaúcha", com a presença do retrato do general Zeca Netto acompanhado de seu estado-maior"⁴⁷.



A questão da pacificação e o papel do emissário do governo federal para tratar de tal tema passaram à pauta do magazine pelotense, que estampou o retrato do general Setembrino de Carvalho em sua capa, acompanhado da declaração de que, "serenamente confiante, o Rio Grande do Sul vibra jubiloso ante o egrégio embaixador da paz". O nome do personagem também dava título à matéria editorial, ao informar que ocupava "a página de honra a figura insinuante e

⁴⁷ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 1º out. 1923.

simpática do digníssimo Ministro da Guerra". Além da homenagem ao "ínlito oficial do exército" a revista fazia uma apreciação quanto aos malefícios da guerra e dizia acreditar no papel do militar para a obtenção da paz⁴⁸:

Há quase um ano o flagelo o flagelo da guerra civil, cuja possibilidade julgáramos inteiramente riscada da história político-social do Rio Grande, desencadeia sobre o território amado dos pampas, qual uma tempestade desoladora e sinistra.

A velha intrepidez tradicional da raça desbarata-se iniquamente numa contenda inglória. Punge acerbamente ver espíritos esclarecidos colhidos também no vórtice tremendo de malquerenças e de ódios que é a própria feição moral das revoluções.

É tempo já de que se ponha um termo à luta fratricida que ensanguenta o solo idolatrado do Rio Grande. É lícito esperar do patriotismo jamais desmentido dos gaúchos, da sua lealdade cavalheiresca, da sua retidão fidalga, o desejado acordo que vai congraçar de novo e, oxalá, para sempre, a família rio-grandense. (...)

Praza aos céus que da conferência realizada ontem, na bela cidade de Bagé, entre o general Setembrino e os próceres da revolução resulte a paz necessária à maior consolidação do regime republicano, para a felicidade e a grandeza do Brasil.

No que tange à invasão dos revoltos à cidade de Pelotas, a revista ilustrada limitou-se a divulgá-la por

⁴⁸ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 16 nov. 1923.

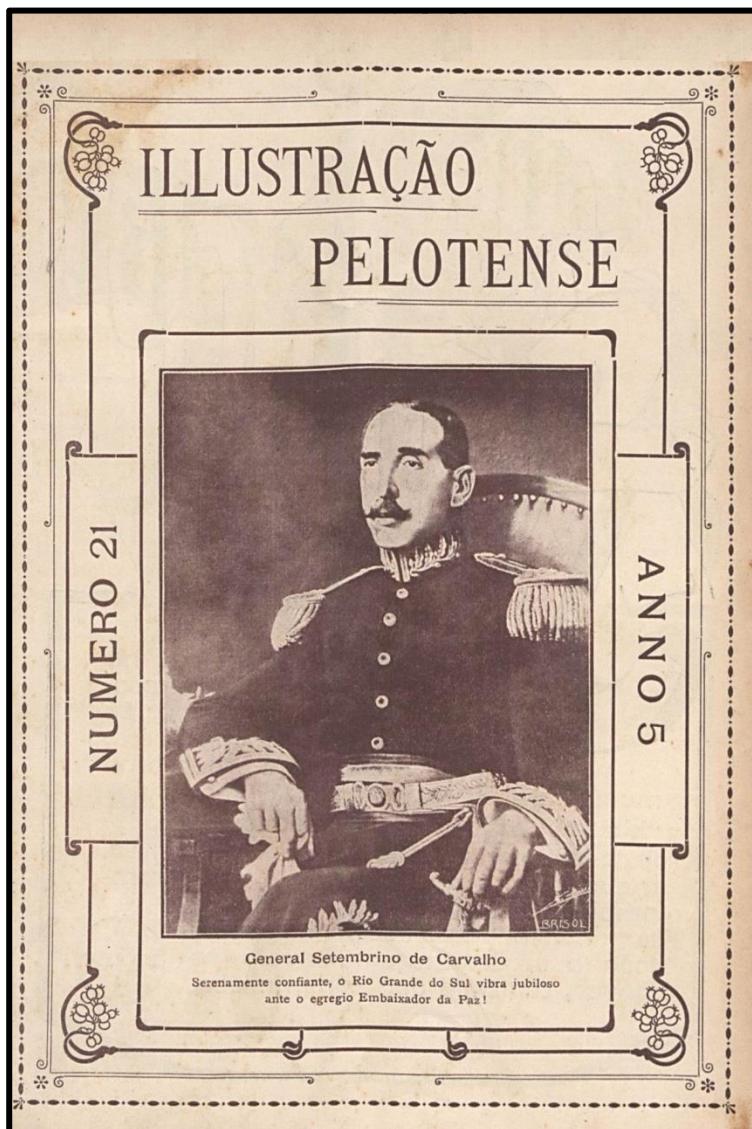
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

meio da publicação de fotografias, chegando a repeti-las em duas edições seguidas. Assim, sob o título “Revolução gaúcha 1923”, mostrou o enterro de um tenente, “heroicamente tombado na defesa” da cidade; “diversos flagrantes da força revolucionária do general Zeca Netto em Pelotas”, com clichês na Praça da República e a foto de um major a cavalo; apareceram ainda cenas dos rebeldes próximos do mercado público e da Intendência Municipal, bem como “policiais aprisionados pelos revolucionários” e a fotografia daquele que “talvez” fosse “o mais jovem revolucionário”⁴⁹. Exatamente os mesmos registros fotográficos voltariam a ser editados, juntando-se a eles outros, um deles mostrando a “chegada à Pelotas do Dr. Assis Brasil”, reproduzindo “um aspecto da Praça da Estação pouco antes da chegada do trem”; ao passo que o outro trazia “A *Ilustração* em Bagé”, com o encontro do “Ministro da Guerra e os chefes militares da Revolução”⁵⁰.

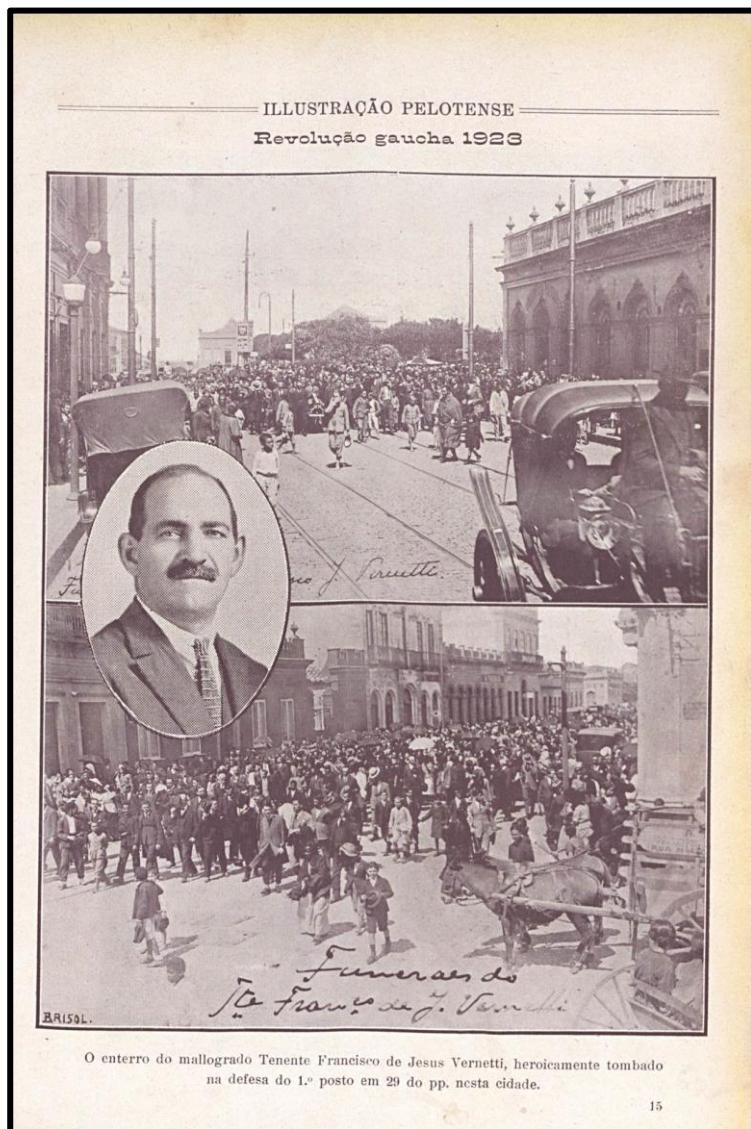
⁴⁹ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 16 nov. 1923.

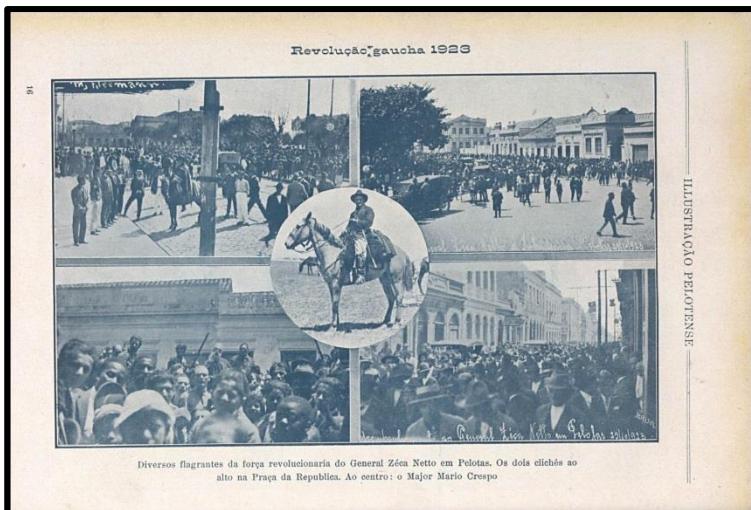
⁵⁰ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 1º dez. 1923.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO





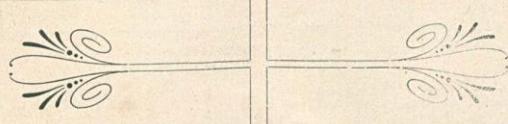
A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE

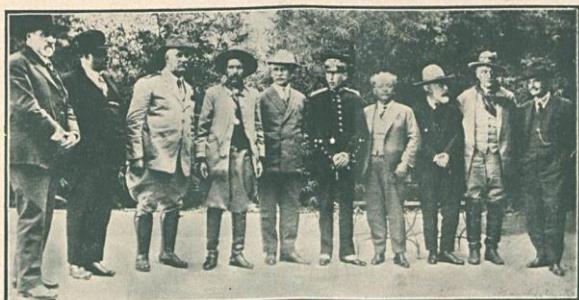
CHEGADA A PELOTAS DO DR. ASSIS BRASIL



Aspecto da praça da Estação pouco antes da chegada do trem.



A' ILLUSTRAÇÃO EM BAGÉ



S. Ex. o sr. general Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra e os chefes militares da revolução.

Na última edição de 1923, o magazine ainda trouxe mais registros fotográficos, um deles compunha-se por quatro fotos que reproduziam a interrupção da Estrada de Ferro Pelotas - Bagé, “com o tombamento de uma locomotiva”; aparecendo ainda “as conferências sobre a paz”, com imagem fotográfica na qual figuravam Setembrino de Carvalho, Assis Brasil, vários representantes das forças rebeldes e um assistente do Ministro da Guerra. Em termos textuais, a revista trouxe editorial “A pacificação do Rio Grande”, no qual enaltecia a paz, considerando-a como “honrosa”, sem “haver vencedores nem vencidos”. Fazia referência ainda às possíveis ameaças de continuidade da revolta, apelando em sentido contrário⁵¹:

Está de parabéns o nosso idolatrado torrão gaúcho. Como prevíramos em nosso número de 16 de novembro, não foi iludida a esperança depositada pela alma rio-grandense na ação do nobre titular da pasta da Guerra. Pareceu certo, a princípio, malograr-se o elevado empenho do embaixador da paz, na conferência realizada a 15 de novembro, em Bagé. Carregaram-se de novo os horizontes e apertou-se-nos o coração, um momento de insopitável angústia, ante a ameaça da continuação da luta fratricida e inglória. Considerou-se quase abortada a tentativa sublime do general Setembrino de Carvalho. Felizmente, porém, durou pouco essa expectativa dolorosa de fundas e sinistras apreensões.

Mais alto do que a paixão partidária, do que o fanatismo político, do que a cega intolerância de

⁵¹ ILUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 25 dez. 1923.

A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO

alguns homens, falou o patriotismo do chefe supremo dos revolucionários, respondendo ao apelo caloroso do ínclito emissário do Presidente da República. Redimindo faltas que por acaso tenha cometido, no juízo de uma facção política, o Dr. Assis Brasil assinou no seu retiro de Pedras Altas (...) a ata histórica da paz, o documento sublime em que fica solenemente firmada a pacificação da terra rio-grandense. Honrosa para os dois partidos que se digladiavam, porque resultou de mútuas concessões feitas, de modo a não haver vencedores nem vencidos, de ela ter enchido de júbilo sincero e fervido alvoroço a todos que a desejavam ardente mente de coração.

Assoalham por aí que muitos dos elementos revolucionários não se conformaram com a paz, continuando de armas na mão. Afirmam alhures que lavra entre as hostes do assisismo um profundo descontentamento, raiando pela indignação, contra o chefe supremo acatado e vitoriado ontem. Não cremos, não queremos crer.

E isso porque acreditamos que todos desejavam sinceramente a paz. Clamavam todos pela paz. Assinavam-se telegramas coletivos pró-paz.

Ora, a paz só pode ser feita ou mediante acordo, em plena efervescência da luta, ou mediante a imposição da vontade do vencedor, no epílogo da luta. No primeiro caso, transigência recíproca se impõe, desde que haja sinceridade de intuições. No segundo, só assiste ao vencido o direito de mendigar, dolorosamente, piedade.

Não desejava ninguém para a facção a que estava filiado a emergência pungitiva e humilhante desse último caso.

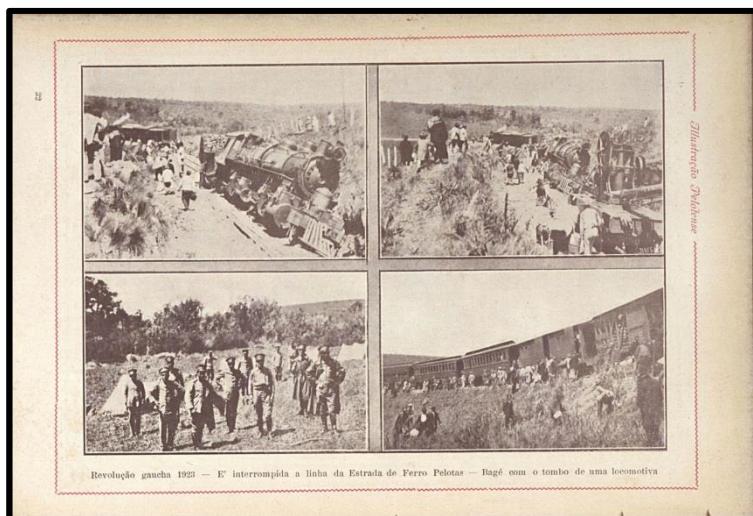
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Impunha-se, de resto, a terminação do conflito, para que se não malbaratasse mais tempo a energia da raça e o patrimônio do povo. Era, pois, impositivo o acordo.

Este só podia ser feito sem a humilhação de nenhum dos partidos em luta.

Em consciência, responda a alma gaúcha, que não conheça hipocrisia e não se compadece com a mentira:

É humilhante para quem quer que seja a paz assinada a 14 de dezembro?



A IMPRENSA E A REVOLUÇÃO DE 1923: DOIS ESTUDOS DE CASO



Dessa maneira, de acordo com o seu escopo editorial não afeito aos temas políticos, com a preferência pelas lides literárias e as vivências socioculturais citadinas, além das tendências restritivas à liberdade de imprensa e os melindres por tratar de uma guerra movida por duas facções políticas tradicionais sul-rio-grandenses, a *Ilustração Pelotense* optou por afastar suas páginas dos fatos em torno da Revolução de 1923. Só quando a revolta bateu às portas da Princesa do Sul – nome popular pelo qual era conhecida a cidade de Pelotas – com a chegada dos rebelados à urbe, em uma invasão curíssima no cronológico, mas de um valor simbólico significativo para a causa revolucionária, foi que a revista voltou-se à abordagem do tema, com

registros fotográficos sobre a presença rebelde no âmbito citadino. Desde então, a temática mais recorrente para tratar da guerra civil era a busca pela pacificação, de modo que o magazine aplaudiu todo o processo, desde a negociação até a conclusão do acordo que pôs termo ao confronto. Para além do desejo pelo fim da guerra fratricida, refletindo os interesses socioeconômicos da cidade de Pelotas, a publicação ilustrada aspirava também a paz como um passo decisivo para a reconstrução do Estado e, por meio da estabilidade política, obter-se também a estabilidade econômica e, por consequência, uma possível recuperação das tendências progressistas.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025

